

**Universidade Estadual de Campinas**  
**Instituto de Economia**  
**Monografia**  
**2º Semestre de 1998**



1290000607



TCC/UNICAMP Iw98t



**A Trajetória da Classe Média Após o Milagre Econômico:  
A Perspectiva dos Brasileiros de Ascendência Japonesa.**

**Orientador: Prof. Dr. Waldir José de Quadros**  
**Banca: Prof. Dr. José Ricardo Barbosa Gonçalves**  
**Richardson Iwamoto - RA 940840**

**TCC/UNICAMP**  
**Iw98t**  
**IE/607**

**CEADOC/IE**

Para Daniela Marini  
e Hanako Torii

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Waldir Quadros, cuja orientação não se restringiu somente aos trabalhos acadêmicos; a todos os professores do Instituto de Economia, especialmente aos professores José Ricardo Barbosa Gonçalves, Ligia Maria Osório Silva , e Sônia Terezinha Tomazini, pelo apoio e incentivo; aos colegas e amigos dos Arquivos Históricos do Centro de Memória da Unicamp, especialmente à Ema E. Rodrigues Camillo, pela amizade e exemplo de profissionalismo; aos colegas do TTEduc da Faculdade de Educação da Unicamp, especialmente à professora Lili K. Kawamura, pelo apoio recebido; aos colegas e amigos do IE, em especial ao Alex Hummel, Carlos Alexandre G. Silva, Daniel F. Giraldi, Luvercy J. Rodrigues, Henrique Shuhama, e Michel Alexandre da Silva, pela convivência, paciência e amizade; a todos os entrevistados, pela colaboração, paciência e incentivo; ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq, pela bolsa que financiou este trabalho.

1. INTRODUÇÃO	pp 05
2. OBJETIVOS	pp 08
3. METODOLOGIA	pp 08
4. A PRODUÇÃO DO DISCURSO	pp 15
5. PROBLEMÁTICAS LEVANTADAS	pp 18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	pp 37
7. BIBLIOGRAFIA	pp 39
8. ANEXO	pp 43

Apesar dos trabalhos já realizados sobre a evolução da classe média<sup>1</sup> nos períodos posteriores ao “milagre econômico”, podemos assinalar certa ausência de estudos sobre o assunto que adotaram como referências as particularidades dos diferentes grupos étnicos brasileiros. As pesquisas que realizaram análises comparativas do conjunto étnico, apesar de poucas, indicam a existência de diferenças significativas entre as etnias da população brasileira. A única pesquisa do IBGE que tratou especificamente do assunto, encontra-se no suplemento “Cor da População” da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 1987. Entre os seus diversos resultados estatísticos podemos destacar os índices de alfabetização e os de níveis de renda, sendo que através de dados como esses, verificamos que a população de “amarelos” possuíam melhores condições sócio-econômicas que as demais.

- suplemento “Cor da População”, PNAD, 1987:

	alfabetização		renda
	população <sup>2</sup>	% de analfabetos	média mensal <sup>3</sup>
brancos	60 007 633	12,3	214
pardos	37 525 503	29,0	87
negros	6051266	29,5	100
amarelos <sup>4</sup>	724 442	7,4	377
média Brasil	104 311 844	19,3	167

<sup>1</sup>O tratamento do conceito de “classe média” aqui adotado encontra-se em: Quadros, Waldir José de. O “Milagre Brasileiro” e a Expansão da Nova Classe Média Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, em 1991.

<sup>2</sup> De 10 anos ou mais.5

<sup>3</sup> Em dólares, para pessoas com mais de 10 anos, excluindo a região Norte.

<sup>4</sup> Incluindo os sem declaração.

- suplemento “Cor da População”, PNAD, 1987:

classes de rendimento mensal <sup>5</sup>	Pessoas Economicamente Ativas (%)				
	total <sup>6</sup>	branca <sup>7</sup>	negra <sup>8</sup>	parda <sup>9</sup>	amarela <sup>10</sup>
até 1/2	9,71	6,69	13,70	13,98	3,98
mais de ½ a 1	13,69	10,23	20,77	18,20	4,99
mais de 1 a 2	22,69	20,89	28,55	24,87	7,48
mais de 2 a 3	13,65	14,89	12,45	11,95	9,90
mais de 3 a 5	12,61	14,48	9,61	10,03	17,10
mais de 5 a 10	9,41	12,24	4,48	5,56	18,72
mais de 10	6,82	9,81	1,34	2,58	26,95
sem rendimento <sup>11</sup>	10,81	10,07	8,80	12,36	10,46
sem declaração	0,60	0,71	0,30	0,48	0,44
total	100	100	100	100	100

Os resultados parciais de outra pesquisa referente aos anos de 1987 e 1988, do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, sobre os brasileiros descendentes de japoneses<sup>12</sup>, além de confirmar essa mesma prosperidade relativa, revelam outras peculiaridades dessa parte da população, como:

1. o aumento dos empregos tipicamente de classe média<sup>13</sup> dentro da estrutura ocupacional<sup>14</sup>.

<sup>5</sup> Piso Nacional de Salários.

<sup>6</sup> Total de 59.542.958 pessoas.

<sup>7</sup> Total de 24.147.619 pessoas.

<sup>8</sup> Total de 3.641.220 pessoas.

<sup>9</sup> Total de 21.331.706 pessoas.

<sup>10</sup> Total de 422.413 pessoas - incluindo os sem declaração.

<sup>11</sup> Inclusive as pessoas que recebem somente benefícios.

<sup>12</sup> Pesquisa da População de Descendentes de Japoneses Residentes no Brasil, do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1990. Ver níveis de renda, nas pp 53-54, e “Consciência de Adscrição à Classe Social”, na pp 72, onde 63,42% dos entrevistados declararam pretencer à classe média.

<sup>13</sup> Ocupações segundo tipologia utilizada em QUADROS, 1993.

<sup>14</sup> Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1990. pp 41-42; pp 48-49.

- Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1990:

OCUPAÇÃO	Descendentes de japoneses		Brasil
	1958	1988	
Técnica-Científica	8.1	15.49	7.15
Administrativas	9.6	27.84	13.65
Agropecuária-Produção Extrativa	55.9	11.75	23.65
Ind. Transformação-Construção Civil	28.0	9.38	20.42
Comercio e Atividades Auxiliares	36.3	20.94	9.81
Transportes e Comunicações	5.0	3.43	3.93
Prestação de Serviços	12.1	10.15	10.32
Outras Ocupações	0.9	0.98	11.69

2. um movimento de êxodo rural-urbano mais intenso que o do restante da população brasileira nos últimos trinta anos<sup>15</sup>.

3. uma distribuição da população bem localizada, nas regiões economicamente mais desenvolvidas do país<sup>16</sup>.

- Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1990:

Região	Masc.	Fem.	Sem Inf.	Total
norte	1.44	1.24	-	2.68
nordeste	0.93	1.39	-	2.32
centro oeste	2.32	1.51	0.15	3.98
sul	5.83	5.82	0.04	11.69
RJ; ES; MG	3.21	3.91	-	7.12
estado de SP	16.58	15.23	0.03	31.84
grande S.Paulo	7.34	6.37	0.13	13.84
cidade de S.Paulo	13.25	12.96	0.34	26.55
total	50.9	48.43	0.69	100.02

Assim, através de dados como estes, podemos formular a hipótese de que a vantagem econômica da população amarela baseia-se em certas especificidades da mesma.

<sup>15</sup>Idem. pp 23-25.

<sup>16</sup>79,4% do total da população do grupo reside na região sudeste, sendo que a sua maioria, 72,23%, no estado de São Paulo (sendo 26,55% na capital). Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. 1990. pp 16-22.

## **2. OBJETIVOS**

O levantamento de problemáticas e o desenvolvimento de hipóteses que possam justificar a trajetória sócio-econômica desta parte da população, relativamente bem sucedida no período mais recente da história, foram os objetivos do nosso estudo.

Neste sentido, a nossa proposta de trabalho pretendeu aprofundar os estudos referentes à classe média brasileira no período posterior ao “milagre econômico”, através da busca de uma análise diferenciada do tema, abordando uma parte localizada da população - os brasileiros de classe média descendentes de japoneses - e verificando as especificidades das suas relações com o fenômeno geral de reestruturação sócio-econômica.

Além disso, os dados obtidos no desenvolvimento dos trabalhos puderam também auxiliar outros estudos desenvolvidos sobre temas afins, como, por exemplo, a recente emigração e imigração internacional no Brasil.

## **3. METODOLOGIA**

O nosso estudo foi dividido em quatro fases. Na primeira, realizamos uma seleção das unidades familiares e de seus respectivos membros para o trabalho e executamos a primeira etapa de entrevistas; na segunda, procedemos a transcrição e a análise dos depoimentos, além de encaminharmos o trabalho de identificação dos principais temas que auxiliam no esclarecimento da trajetória econômica do grupo; na terceira fase realizamos a segunda etapa de entrevistas buscando dar um maior aprofundamento aos temas escolhidos; na quarta fase terminamos a análise das informações e trabalhamos na elaboração do texto final do trabalho.

Buscando atender a proposta e os objetivos da pesquisa, optamos pela realização de um estudo de histórias de vidas. A escolha deste método pareceu-nos pertinente, pois as informações obtidas através de entrevistas poderiam revelar as diferentes situações sócio-econômicas segundo a ótica dos próprios entrevistados durante as suas trajetórias de vida, diante do contexto social, econômico e cultural no período posterior ao "milagre econômico". O emprego deste recurso qualitativo de pesquisa buscou então a agregação de novas informações, que não estariam evidenciadas nas pesquisas estatísticas disponíveis e que complementam outros estudos sobre temas afins já realizados.

As informações obtidas com a realização de entrevistas foram, portanto, uma das fontes mais relevantes para a pesquisa, sendo que, apesar de não se utilizar de um rigoroso tratamento quantitativo, forneceu os subsídios necessários para o levantamento de problemáticas e o desenvolvimento de hipóteses que podem justificar a trajetória econômica dessa parte da população.

Dada a característica da maior parte do grupo estudado concentrar-se geograficamente na região sudeste (estando a maioria deste no estado de São Paulo), os depoimentos foram coletados entre residentes na região das cidades de Campinas e de São Paulo.

Depois de realizarmos duas "entrevistas-piloto", de caráter exploratório, verificamos que as entrevistas, especialmente as da primeira etapa, seriam mais eficientes se fossem abertas e seguissem a um roteiro bem geral e flexível<sup>17</sup>. Tal tipo

---

17

- Dados gerais da família (número, nacionalidade e nível de escolaridade de integrantes, locais de residência)
- História ocupacional dos pais
- O papel dos integrantes da família (na educação, no casamento...)
- História da formação educacional
- História da carreira profissional
- Constituição da família
- Relações interfamiliares
- O papel social e profissional do entrevistado

de técnica, a entrevista aberta, que descarta um questionamento rígido, também pôde ser aperfeiçoada na medida em que a observação das características (semelhanças e diferenças) entre as famílias gerou uma pauta cada vez maior para a discussão e o questionamento das problemáticas. Além disso, concluímos que a seleção dos entrevistados obedeceria a dois critérios básicos:

- pelo menos um dos principais responsáveis pela renda familiar do entrevistado deveria exercer ocupação típica de classe média, segundo a tipologia utilizada por Waldir José de Quadros, em *Agregação Familiar da PEA Urbana da Grande São Paulo e do Interior do Estado em 1980*. Campinas; Relatório de pesquisa SEADE/FECAMP; mimeo.; 1993<sup>18</sup>.
- o entrevistado deveria ser membro de uma família de ascendência japonesa, segundo a definição utilizada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros: (...) “esta é definida como grupo que coabita uma residência e tem economia caseira comum - que tenha pelo menos um descendente de japoneses”.

---

<sup>18</sup>Que classifica as seguintes ocupações, como sendo tipicamente de classe média:

- administradores, gerentes e chefes
- auxiliares de escritório, secretários e datilógrafos
- ocupações burocráticas de natureza específica
- engenheiros e arquitetos
- ocupações auxiliares de engenharia e arquitetura
- médicos, dentistas e enfermeiros diplomados
- ocupações auxiliares da área de saúde
- professores primários e inspetores de ensino
- professores secundários
- professores do ensino superior
- economistas e contadores
- técnicos de contabilidade
- outras ocupações técnicas e científicas de nível superior
- outras ocupações técnicas e científicas de nível médio
- mestres e contramestres
- lojistas e caixas
- outras ocupações do comércio
- profissionais dos transportes
- profissionais das comunicações
- ocupações da defesa nacional e segurança pública
- especialistas da área de saúde
- analistas e inspetores
- profissionais do esporte
- tradutores e intérpretes

O contato com os entrevistados foi realizado através de um “efeito bola-de-neve”: depois de conseguir as primeiras três entrevistas (com pessoas que não tinham relações diretas entre si), o contato com as novas pessoas deu-se na medida em que as já entrevistadas indicavam pessoas diferentes e apresentavam referências sobre o nosso trabalho. Tal procedimento favoreceu a realização das entrevistas pois quebrou, de certa forma, parte do sentimento de “invasão” da privacidade por parte do entrevistado.

No projeto, estimamos um total de trinta entrevistas, sendo que aproximadamente vinte seriam realizadas na primeira parte e dez na outra. Com o desenvolvimento do trabalho, decidimos reduzir o número de entrevistas pela metade, dado que o aproveitamento das entrevistas foi bom, no que diz respeito ao levantamento qualitativo de informações, apesar dos entrevistados mostrarem-se bastante ciosos da privacidade.

O tempo de duração de uma entrevista variou entre trinta minutos e duas horas, dependendo do tempo disponível e da disposição do entrevistado, da desenvoltura do entrevistador frente ao entrevistado, e dos aspectos abordados em cada entrevista.

Antes da gravação do depoimento, procuramos manter uma conversa inicial onde verificávamos qual seria a melhor forma de condução da entrevista e se o entrevistado seria uma boa “fonte”. Quando o entrevistado, nesta conversa inicial, revelava certo constrangimento que poderia ser prejudicial ao depoimento, lhe era recordado o caráter acadêmico da pesquisa e que, por isso, havia certas “garantias” à sua privacidade, como o sigilo de sua identidade, de nomes de parentes citados, e do seu endereço e telefone. Como as entrevistas eram marcadas por indicação de pessoas já entrevistadas, também garantia-se que o conteúdo da sua entrevista não seria divulgado entre as pessoas conhecidas.

Para que pudessemos levantar o máximo de informações, da forma mais confiável possível, foi realizada uma primeira análise de cada entrevista logo após a

realização desta, para, assim, tentarmos evitar as mesmas falhas (de comunicação com o entrevistados, de perguntas mal formuladas, de postura diante do entrevistado, de condução da entrevista, etc.) nas entrevistas seguintes. Quando foram detectadas falhas mais graves nas entrevistas e quando verificou-se que o entrevistado poderia acrescentar novas informações relevantes para a pesquisa, tentamos marcar uma nova entrevista. Infelizmente, de um total de cinco tentativas, somente conseguimos continuar este tipo de trabalho com dois entrevistados.

Depois de realizarmos oito entrevistas, transcrevemos e analisamos os depoimentos, e, assim, elaboramos parte do corpus apresentado em anexo. Durante a análise inicial deste corpus, identificamos seis temas que poderiam auxiliar no esclarecimento da trajetória econômica do grupo: a "tradição"; a homogeneidade de costumes; a capacidade de integração sócio-cultural; a educação; a valorização do trabalho; a estrutura interfamiliar de apoio. Dentre estes, pudemos verificar, ainda na segunda fase da pesquisa, a existência de uma hipótese orientadora: a estrutura interfamiliar de apoio teria papel importante na trajetória da população estudada.

Na terceira fase dos trabalhos, realizamos a segunda etapa de entrevistas buscando dar um maior aprofundamento aos temas escolhidos. As entrevistas ainda possuíram o caráter de estudo de história de vida e foram realizadas de maneira aberta, porém com ênfase temática. Nesta etapa de entrevistas transcrevemos somente parte dos depoimentos após análise das fitas cassetes. Este procedimento, apesar de estar longe do ideal, que seria o de transcrever os depoimentos integralmente, foi o que nos pareceu mais adequado, dentro das limitações do nosso projeto, uma vez que cada hora gravada demandou para a transcrição de quatro a dez horas de trabalho.

A bibliografia fundamental pode ser dividida em três partes. A primeira, traz os trabalhos sobre temas específicos da população de brasileiros descendentes de japoneses, que englobaria diferentes períodos, desde a imigração dos japoneses e a

vida das suas famílias na primeira metade deste século (HANDA, 1987; SAITO, 1980; S.B.C.J., 1992; CARDOSO, 1972) até o movimento de imigração dos brasileiros descendentes desses imigrantes para o Japão, no período mais recente da história, o fenômeno de *dekassegui*<sup>19</sup> (CHIGUSA, 1994; KAWAMURA, 1994 e 1997; PATARRA, 1995; NINOMIYA, 1992). A segunda parte da bibliografia aborda o período do “milagre econômico” até a atual década (TAVARES, 1985; SINGER, 1985; ABREU, 1990; OLIVEIRA, 1994; BAUMANN, 1996; CANO, 1997; CARNEIRO, 1991; KANDIR, 1989; OLIVEIRA, 1991; BACHA, 1995; OLIVEIRA, 1996). A terceira parte abrange os estudos sobre a classe média brasileira, ou de temas ligados a essa, do período do “milagre” até a atual década, como a mobilidade social e desigualdade social (BARROS & MENDONÇA, 1996; FOGAÇA & EINCENBERG, 1993 PASTORE e HALLER, 1993; PELIANO, 1992), as mudanças na estrutura ocupacional (QUADROS, 1995; OLIVEIRA, 1994), a composição social da classe média e a sua trajetóriasocio-econômica (QUADROS, 1991; SAES, 1985), e a estrutura familiar da classe (ROMANELLI, 1986).

Durante o desenvolvimento do trabalho, ficou evidenciado o caráter multidisciplinar do projeto - o que se traduziu na busca de novas fontes escritas de pesquisa e em consultas a pesquisadores de outras áreas.

Desde o primeiro semestre da pesquisa, participamos das atividades do Grupo de Estudos sobre Tecnologia, Trabalho e Educação, TTEduc, núcleo multidisciplinar da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, dirigido pela professora Lili Katsuco Kawamura. No momento, o TTEduc trabalha em uma pesquisa sobre imigração internacional de trabalhadores, e reúne trabalhos em desenvolvimento sobre a comunidade de origem nipônica e sobre a recente imigração de brasileiros para o Japão. A execução das entrevistas e o trabalho de análise das informações do

---

<sup>19</sup> Dekassegui, palavra japonesa usada atualmente para indicar o ato de ir trabalhar longe de casa, da família, da sua origem. Também é usada para denominar aquela pessoa que vai

nosso estudo contou com o suporte técnico<sup>20</sup> e com os contatos deste núcleo com instituições nipo-brasileiras. Além disso, a nossa participação no núcleo também pôde auxiliar outros pesquisadores com o fornecimento de dados e informações obtidos no desenvolvimento da nossa pesquisa, em trabalhos como, por exemplo, a tese de Livre-Docência da Profa. Dra. Lili K. Kawamura<sup>21</sup>

Além dos trabalhos desenvolvidos paralelamente no TTEduc, este trabalho pôde também contar com o desenvolvimento de outra pesquisa, realizada por Henrique Shuhama, aluno do curso de graduação do Instituto de Economia da Unicamp<sup>22</sup>, que analisou o panorama e as perspectivas dos brasileiros descendentes de japoneses durante o período do “milagre econômico”<sup>23</sup>.

O trabalho com a coleta e o tratamento de fonte oral pôde contar com os esclarecimentos de Ema Elisabete Rodrigues Camillo, membro do Centro de Memória da Unicamp e aluna do curso de mestrado em História Econômica do Instituto de Economia da Unicamp.

---

trabalhar longe.

<sup>20</sup>Bibliografia, seminários, grupos de trabalho, etc...

<sup>21</sup> “Trabalhadores Brasileiros no Japão: Estratégias de Formação Cultural”, janeiro de 1997, Campinas, tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP. Ver citações sobre o nosso trabalho: pp 103, pp 104, pp 105, pp 190.

<sup>22</sup>Que recebeu também a orientação do Prof. Dr. Waldir José de Quadros.

<sup>23</sup>Contudo, devemos destacar que, mesmo abordando uma temática similar (com divisão temporal), os estudos mantiveram independência quanto aos seus processos de execução, sendo regidos por suas respectivas problemáticas.

O cronograma cumprido pela pesquisa foi o seguinte:

	MÊS:	1°	2°	3°	4°	5°	6°	7°	8°	9°	10°	11°	12°
1. Seleção das unidades domésticas e dos seus respectivos membros para as entrevistas		⊗											
2. Execução da 1ª etapa de entrevistas			⊗	⊗	⊗	⊗							
3. Seleção dos principais depoimentos e transcrição dos mesmos					⊗	⊗	⊗			⊗	⊗	⊗	
4. Elaboração do relatório parcial							⊗						
5. Verificação da necessidade de bibliografia adicional							⊗				⊗		
6. Análise dos depoimentos transcritos							⊗	⊗	⊗		⊗	⊗	⊗
7. Seleção dos principais temas								⊗	⊗				
8. Execução da 2ª etapa de entrevistas									⊗	⊗	⊗		
9. Elaboração do relatório final												⊗	⊗

#### 4. A produção do discurso

Vale destacar alguns pontos que se evidenciaram no nosso trabalho com as entrevistas, durante a produção do discurso:

- Durante as gravações das entrevistas, houve um total de seis casos em que o entrevistado mostrou ser uma boa "fonte" em potencial mas ainda apresentava constrangimentos ao fornecer o depoimento. Nestes casos, foram oferecidas outras "garantias" como o comprometimento de não divulgar a entrevista na íntegra e o fornecimento da fita gravada ao entrevistado, após a sua transcrição; com isto, o desenvolvimento da entrevista melhorou sensivelmente em três dos casos.
- Mesmo sem trabalhar com um grande volume de depoimentos, a liberdade de expressão, proporcionada pela entrevista aberta, colaborou com a elaboração de um corpus de entrevistas que se mostrou suficiente para a realização do nosso estudo, apesar das limitações de um projeto de iniciação científica.

Outra vantagem obtida com a utilização da entrevista aberta foi uma maior capacidade de adaptação frente ao entrevistado no momento da entrevista, fator relevante para o caso do grupo estudado que revelou, na maioria das vezes, ter certos constrangimentos iniciais durante a gravação.

- Um aspecto relevante para os resultados do nosso trabalho foi o fato do bolsista ser descendente de japoneses. Tal aspecto, ao nosso ver, pode ter gerado resultados tanto positivos como negativos: positivos porque foi um fator que evitou a existência de uma certa assimetria social entre entrevistado e entrevistador, deixando ambos conscientes dos tons e das posturas possíveis a serem adotadas no decorrer da entrevista, e quebrando possíveis barreiras e constrangimentos por parte do entrevistado - o que aumentava a fluidez do depoimento e favorecia um bom levantamento de informações; negativos, porque pode ter prejudicado um maior distanciamento necessário do pesquisador na análise do corpus das entrevistas.
- Outro aspecto, ainda relacionado ao bolsista, que certamente possuiu algum peso foi a diferença de idade que existia entre ele e o entrevistado em alguns casos. Em algumas entrevistas, os entrevistados mostravam não se sentir inteiramente à vontade ao conversarem com alguém mais jovem (e com a idade de seus filhos). Outros entrevistados, ao tratarem de temas relacionados aos seus filhos, como, por exemplo, formação escolar, escolha de carreira e estilo de vida, adotavam uma postura quase "paternal" (ou "maternal") frente ao entrevistador. Para evitar que a entrevista fosse "enviezada" por conta disto, o entrevistador tentou, num primeiro momento, apresentar-se de uma maneira ainda mais formal (na postura, na comunicação, etc.) e demonstrar evidente interesse nesta parte do depoimento. Tal aspecto não prejudicou o nosso trabalho, pois na maioria dos casos os entrevistados mostraram-se indiferentes à diferença de idades e dispostos a conversar, dentro de suas possibilidades.

- Durante as entrevistas pudemos verificar um fato descrito por Rosa & Janotti (1993):

*"Inerente aos depoimentos orais, há uma pluralidade de aspectos subjetivos que os diferenciam das fontes escritas, envolvendo uma forte carga emocional, que interfere na narrativa e na sua interpretação. Quase sempre o depoente admite que o entrevistador está comprometido com a sua versão."*<sup>24</sup>

De fato, muitas vezes os entrevistados acreditavam que estavam sendo compreendidos e que não precisavam fazer colocações sobre um determinado assunto de uma maneira mais completa, dado que o entrevistador "o entendia". Declarações como "você sabe como é" ou "na sua casa, você deve ter tido este tipo de coisa também", evidenciavam estes "subentendidos". Tal fato pôde revelar aspectos tanto prejudiciais como favoráveis aos trabalhos. Pode ter sido prejudicial à coleta de informações de fonte oral, porque o entrevistado não chegava a apresentar o seu depoimento de uma forma completa; neste caso, o entrevistador tentou evitar tal tipo de situação, quando isto ocorria de forma mais frequente. Por outro lado, os "subentendidos" puderam também sinalizar uma boa sintonia entre as partes envolvidas na entrevista, quando entrevistado revela estar relativamente mais à vontade na situação - o que certamente foi favorável para a coleta de informações. Identificar cada situação e decidir qual atitude tomar, foram tarefas que o entrevistador buscou executar da melhor forma possível na medida em que ganhava maior experiência com o decorrer das entrevistas.

---

<sup>24</sup> "História Oral: Uma Utopia?" in "Revista Brasileira de História" SP. ANPUH / Marco Zero, vol, 13, nº25/26, setembro de 92/agosto de 93. pp12-13.

## 5. PROBLEMÁTICAS LEVANTADAS

A análise das informações obtidas revelou vários aspectos do grupo, que ultrapassariam a capacidade de tratamento das informações e a proposta de trabalho da nossa pesquisa. Por isso, optamos por selecionar os aspectos comuns entre os diferentes depoimentos que nos pareceram mais importantes, de maneira a separar as diferentes experiências de vida dos indivíduos, da trajetória mais geral do grupo estudado. Para isso, além de analisarmos o corpus como um todo, buscamos apoio em outros estudos sobre temas afins.

O processo de imigração, relativamente recente, foi um evento importante no relato das histórias de vida dos descendentes de japoneses. As dificuldades sofridas pelos imigrantes foram relatadas principalmente pelos descendentes de primeira geração e especialmente lembrado pelos entrevistados mais velhos que chegaram a viver no campo. As dificuldades econômicas enfrentadas antes da maturidade, foram relatadas pelos entrevistados com mais de quarenta anos, e o esforço exigido para a formação escolar e para o desenvolvimento profissional foi lembrado com certa emoção por alguns destes:

***A vida sofrida que eles [os pais] levaram, não era um estímulo a mais para vocês [os filhos] estudarem?***

Ah, sim. Mas o principal, foi aquilo que ele [o pai] nos disse: estudar é uma forma de vocês se libertarem, de vencer na vida, certo? E eu captei essa mensagem. Ele [o pai] nunca disse: leia isso, leia aquilo. Ele não tinha idéia do que era a medicina, do que seria uma engenharia... Quer

dizer, era o exemplo. A base da pirâmide, para mim, foi a família. E o resto era o potencial de desenvolvimento de cada um.<sup>25</sup>

O fato de todos os descendentes de primeira geração entrevistados terem alcançado uma posição sócio-econômica mais favorável do que a dos seus pais foi uma característica importante, notada no decorrer do trabalho. Os entrevistados que estavam no início da carreira profissional no final da década de sessenta e começo dos anos setenta, conseguiram uma posição econômica estável em um período relativamente curto. Os que já se encontravam há mais tempo no mercado de trabalho, também melhoraram as suas situações econômicas durante o "milagre econômico".

Durante o período entre o final da década de setenta e a década de oitenta, os entrevistados com mais de trinta anos, de maneira em geral, relataram que as condições econômicas estavam muito piores. Isto afetou de alguma forma a família, seja através da restrição do consumo, seja pela mudança de ocupação profissional. Parte dos entrevistados (três) consideraram que possuíam melhores condições econômicas nos períodos anteriores.

Neste aspecto, a trajetória sócio-econômica dos descendentes de japoneses entrevistados, grosso modo, enquadra-se no processo sofrido da classe média.

No período entre o final da década de oitenta e o início da década de noventa, um dos eventos mais importantes para a maioria dos entrevistados foi a imigração de descendentes para o Japão (fenômeno *dekassegui*). Todos os entrevistados possuíam parentes ou conheciam alguém que imigrou. O fenômeno afetou diretamente a vida somente de parte dos entrevistados (cinco entrevistados, no total), que possuíam parentes trabalhando atualmente no Japão (quatro entrevistados) ou que haviam trabalhado lá (uma entrevistada), mas a bibliografia consultada e as pesquisas recentes sobre o assunto evidenciaram a importância do assunto.

---

<sup>25</sup> entrevistado 9

Durante o processamento das informações obtidas com as entrevistas, encontramos e selecionamos os seguintes temas, que puderam ser levantados e pesquisados como problemáticas que poderiam esclarecer a trajetória sócio-econômica dos brasileiros pertencentes à classe média de ascendência japonesa:

### 5.1. A "tradição":

Eu, na minha opinião, acho que a nossa família, dentro do modelo japonês, era relativamente tracional. O irmão mais velho teria de tomar conta dos mais novos e assim por diante... Ensinar a respeitar os pais, não só os pais, como aos mais velhos, pode ser parente ou mesmo amigos.

***Tinha aquela coisa meio patriarcal?***

Mais ou menos,. O pai é o pai, a última palavra era a dele...<sup>26</sup>

A conservação de características consideradas pelos entrevistados como "tradicionais" da cultura japonesa, foi um aspecto lembrado em todos depoimentos. Tais características eram transmitidas no relacionamento intergeracional, e, portanto, possuíram como referência os valores dos imigrantes.

Durante a produção do discurso, parte dos entrevistados limitou-se a reproduzir certas características do esteriótipo do descendente de japoneses "típico" sem reconhecer que a "tradição" teria um papel fundamental em suas vidas. A maioria, porém, reconheceu que algumas características próprias dos descendentes em geral não seriam chavões; neste caso, valores em comum, como a importância dada ao trabalho e a educação, o respeito aos mais idosos, a humildade, e a persistência foram destacados como importantes fatores de sucesso pessoal e profissional.

A maioria dos que se pronunciaram a respeito afirmaram que as gerações mais novas tendem a não reconhecer mais a importância da “tradição”.

Os meus avós eram japoneses, mas já vieram para cá muito criança. E eles foram educados lá na tradição japonesa e tudo mais... tinham que casar só entre japoneses. Mas como eles já tinham vindo crianças aqui para o Brasil, já entravam em contato com a cultura diferente daqui tal... os meus pais já foram criados de uma forma diferente deles. E a minha geração já é bem mais diferente.<sup>27</sup>

## **5.2. A homogeneidade de costumes**

Os valores comuns entre os descendentes e a homogeneidade de costumes domésticos, foram destacados por parte dos entrevistados (sete, no total; sendo quatro na primeira fase de entrevistas e três na segunda fase), principalmente os da primeira geração de descendentes (nisseis), como fatores que facilitavam o contato com outras pessoas de ascendência japonesa, e que ajudavam a garantir um ambiente familiar estável. Outros entrevistados não reconheceram que havia homogeneidade de costumes entre as famílias de descendentes (dois, de segunda geração, no total; sendo um na primeira fase e outro na segunda), ou afirmaram que certos costumes comuns entre as famílias de descendentes, apesar de existirem, não possuíam grande peso em suas vidas (seis, no total; sendo dois na primeira e quatro na segunda).

Entre os costumes, os mais citados foram:

- o papel dos irmãos mais velhos: os irmãos mais velhos assumiam tarefas de maior responsabilidade e começavam a trabalhar mais precocemente que os demais.

---

<sup>26</sup> entrevistado 8

<sup>27</sup> entrevistada 1

Além disto, também possuíam autoridade sobre os irmãos mais jovens. Tal costume foi abandonado nas famílias dos entrevistados nos dias de hoje, onde todos os que se pronunciaram a respeito afirmaram que o tratamento e as responsabilidades recebidas são equivalentes.

Normalmente, a tradição deles [dos japoneses] era assim; e, geralmente, a gente nota que, na nossa época, os filhos mais velhos não tinham estudo.

***E se caso esse filho mais velho resolvesse não acatar essa decisão? Era uma coisa rígida?***

Tentavam inculcar isso. Mas sempre tem aqueles que fogem um pouco disso. Mas a maioria, creio, se sacrificou, para que os irmãos mais jovens pudessem melhorar de vida.<sup>28</sup>

- o casamento entre descendentes: o casamento entre os descendentes era uma norma para os imigrantes japoneses. Apesar disto, os descendentes de primeira geração mostraram-se mais flexíveis neste aspecto, apesar da resistência de seus pais. A maioria (onze) dos entrevistados que se pronunciaram a respeito (foram doze, no total) disseram que o casamento com pessoas não descendentes não encontra impedimentos no dia de hoje, e que o casamento entre descendentes e não descendentes é considerado "normal" para família. Tal fato vai de encontro aos resultados de outras pesquisas realizadas sobre o assunto<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> entrevistado 8

<sup>29</sup> Por exemplo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1991; "Folha de São Paulo", 19/04/95.

***E quanto ao casamento? Havia algum tipo de pressão, ou sugestão, para que o senhor procurasse se casar com uma descendente de japoneses?***

Eu sempre assim, com raras exceções, sempre gostei mais de japonesas. Mas, de repente, eu tive uma sensação de eu deveria casar com uma brasileira. E olha que eu ouvia casos de pessoas que se suicidavam por causa da oposição da família quanto ao casamento com brasileiros, brasileiras. E, no princípio, minha mãe, não o meu pai, ela não queria. Se bem que, hoje, é Deus no céu e minha esposa na Terra.<sup>30</sup>

Uma parte dos entrevistados casados com descendentes (cinco) disse que poderiam ter casado com não descendentes e que a escolha não foi algo planejado.

Não, a minha família... meu pai por exemplo, ele era... vamos dizer... ele preferiria que todos nós casássemos com descendente de japonês. A minha mãe sempre deu liberdade, ela sempre disse que a dificuldade dela de se entender com pessoas de outra raça, seria diferente, quer dizer, difícil, mas se fosse do nosso gosto, não teria problema nenhum. Nós sempre tivemos essa liberdade, mas... eu tive relacionamento tanto com brasileiros quanto com descendentes de japonês desde criança. Estudei em escola japonesa, estudei na escola normal que tinha tanto brasileiros como também descendentes de japoneses. Cheguei a namorar também brasileiros, mas... não sei lá porque que acabei

---

<sup>30</sup> entrevistado 9

casando com descendente de japonês também. Mas não porque eu tivesse predileção nem nada.<sup>31</sup>

***Você, ao namorar um descendente de japonês, não está seguindo, dessa forma, a “tradição”?***

Não, acho que não. Porque como eu já falei, para os meus pais, para minha avó, para mim, tanto faz ser japonês ou não. Calhou de ser.

***Será que não existe alguma vantagem em ser desse jeito?***

Não. Até hoje eu já parei para pensar nisso. Não fiz nada diferente do que um casal “não japonês” não fizesse. Nada, nada.<sup>32</sup>

- reunião de familiares: a realização de eventos (almoços, festas, etc.) foi lembrado pela maioria dos entrevistados. Uma parte destes entrevistados (cinco) valoriza a participação nos eventos e acha que é importante para manter todos os parentes integrados e conhecer as novas pessoas que poderão fazer parte dela. Outra motivação seria satisfazer um desejo dos membros mais idosos da família.

Tem essa questão de, por exemplo,... que o brasileiro fala que quando japonês morre a gente faz festa. A questão não é fazer uma festa. Na religião budista, por exemplo, a gente faz uma missa, a gente reúne todas as pessoas que vão no velório ou no...enterro ou sei lá o quê, ou numa missa de sétimo dia, de um ano, seja o que for, ela leva um envelope que leva dinheiro. Esse dinheiro nada mais é do que uma contribuição para a família da pessoa que morreu, ela comprar vela e flores, porque todo mundo levar flores e levar velas não... não... aí haja,

---

<sup>31</sup> entrevistado 3

<sup>32</sup> entrevistada 1

né, lugar para por tanta vela e flores. Então é uma maneira de você também ajudar a família da pessoa que morreu fazendo isso, entendeu? É um costume japonês que ainda a gente... costuma praticar, né. É coisa que brasileiro acha que a gente faz festa. Não é festa. Inclusive não se oferece nenhum tipo de carne... a gente oferece comida, vamos dizer, o chá que é porque a vida continua... quem não morreu tem que continuar vivendo e para continuar vivendo ele tem que comer, né? Então esse significado não é uma festa, é simplesmente uma... uma continuação da vida. Porque a vida continua para os que ficaram, né? Então é uma tradição também que é... que os brasileiros acham estranho. É uma diferença dos costumes que a gente tem<sup>33</sup>.

- o papel feminino na família: segundo os depoimentos, havia preconceito de que as atividades desenvolvidas pelas mulheres descendentes de japoneses deveriam restringir-se à esfera doméstica. Tal costume foi marcante entre os descendentes de primeira geração, sendo por eles abandonado durante a constituição das suas famílias:

Não, eles... é... por exemplo, tem um exemplo assim: que eu arrumei um emprego, um ótimo emprego inclusive tá... ah... ia ser meu primeiro emprego, era um ordenado bom e tal e eu vários..., fiz uma bateria de exame de seleção né, que acho que foram cinco exames, era uma questão de 100 candidatos e que ficou umas 5 ou 6 pessoas só. Consegui passar tal e na hora que eu falei "vou trabalhar", meu irmão me proibiu. Ele falou assim: "Você não está passando fome, você não

---

<sup>33</sup> entrevistado 15

está... sem roupa, não precisa nada, pra que você vai trabalhar?” E não deixou eu ir trabalhar. Então...

### ***Pelo fato de ser mulher?***

Pelo fato de ser mulher. Eles achavam que eu ficando em casa já estava ótimo, fazendo serviço de casa, aprendendo assim já estava ótimo. Mas eu não queria aquilo pra mim. Então eu falei: “não, já que é assim... Aí eu resolvi, fiz o teste no banco, passei tal, comecei a trabalhar, aí no dia que eu comecei a trabalhar meu irmão falou: “aonde você foi?”. Aí eu disse que fui trabalhar. Aí ele não falou mais nada! [Risos] Entendeu? Então eu acho que a gente tem que ter vontade também. Pra progredir na vida né? Porque... não é porque você é mulher que você é um ser, vamos dizer, inferior. Agora estão mudando logicamente, vendo a experiência deles e tal, então as meninas mesmo estudam. Mas na minha geração não era assim, eles achavam que mulher não precisava estudar.

**5.3. O grau de integração sócio-cultural:** a flexibilidade necessária aos descendentes (saídos de um ambiente familiar relativamente homogêneo), para o processo de migração recente, do meio rural para o urbano, e para o processo de mobilidade social, foi outro aspecto verificado durante a análise do corpus.

### ***Seus pais participaram de igreja católica e da igreja budista?***

Não, meus pais eram budistas, mas... nós fomos batizados na igreja católica porque tinha aquela dificuldade de você, na escola, em ter aula de religião que no nosso tempo era obrigatório ter aula de religião, e... como a maioria era católico, a gente não poderia, vamos dizer,

frequentar a aula de religião, era discriminado mesmo naquele tempo, que a gente não frequentasse a aula de catecismo. Então, nós fomos batizados por isso. Então a gente tinha... ah... a gente frequentava tanto a igreja católica quanto a igreja budista.

Os entrevistados com menos de trinta anos e da segunda geração (sansseis) não destacaram esta questão durante os relatos. Além disto, declararam estar perfeitamente integrados, não reconhecendo características específicas dos descendentes de japoneses (além das físicas), que os diferenciassem dos demais.

Eu conheço gente que só anda com japonês, só vai em baile de japonês, só corta cabelo em japonês, só vai em shopping de japonês, só vai em festa de japonês... Conheço gente que é assim. Às vezes tem associações entre faculdades só de japonês. Eu não gosto. Quando eu morava fora, lá em Minas e no (Rio Grande do) Sul, eu me sentia assim que diferente, discriminada pelos outros... pelo fato de ser japonês... eu acho que se eu entrasse numa associação dessas eu estaria discriminando os outros. Não sou diferente de ninguém, para andar separada dos outros. Mas esse pessoal faz isso, parece que é um pessoal que está querendo resgatar alguma coisa assim da tradição de japonês e tal. É um pessoal que quer falar japonês, só quer andar com japonês... tudo japonês.

***E qual é a vantagem disso?***

Então, aí é que está. Eu não vejo vantagem nenhuma. Mas... a gente vê que é... é um sentimento assim bem superficial, sabe. Você vê que o

cara não tá fazendo isso para defender coisa nenhuma. O cara é... é bobeira.<sup>34</sup>

Nenhum dos entrevistados é membro efetivo de qualquer associação de descendentes atualmente, apesar de alguns terem participado destas até a adolescência e a mocidade, entre as décadas de cinquenta e setenta.

#### **5.4. A importância dada à educação**

De educação... Olha, pra dizer, eu acho que hoje está tudo muito mudado, né... mas que a gente procurou dar o melhor estudo, o melhor que a gente pôde dar, a gente tem dado. No nosso tempo, por exemplo, a gente fazia escola estadual, né, que era, naquele tempo, era muito bom. Hoje em dia a gente não tem condições de deixar numa escola estadual porque o estudo realmente é muito fraco. A gente tem procurado as melhores escolas, demos cursos de Inglês, o curso que eles queriam fazer a gente incentivava a fazer, coisa que por exemplo, eu não tive incentivo assim. Tive oportunidades, ganhei bolsa de estudo pra fazer curso de línguas tudo, mesmo um curso na França, mas não tive essa oportunidade de ir, de concretizar, porque os meus pais achavam que como mulher eu não precisava disso. Então eu não... eu tive oportunidade mas não pude fazer. Então eu procuro dar pros meus filhos essa oportunidade deles poderem estudar. Ah... assim o que eu acho de diferente é... esse problema da escola pública que hoje está

---

<sup>34</sup> entrevistada 1

muito ruim... e.... e a gente tem é que procurar ter... a concorrência é grande, né?<sup>35</sup>

A educação formal foi destacada pelos entrevistado como uma questão que sempre foi merecedora de grande importância e atenção. Parte dos entrevistados de primeira geração (três) destacaram a importância dos pais na educação informal.

Bom, eu acho assim, na minha época, não havia muita comunicação, na minha casa não havia televisão... então, o que eu aprendi veio da estrutura familiar. E o que eu aprendi foi: trabalhar e estudar, senão... não venceria.

***Mas, isso era algo... era uma coisa colocada abertamente ou não, era sugerida...?***

Não, não. Era o exemplo. Era mais o exemplo do que falado. Era o que eu via dos meus pais. Então, eu os via trabalhando, e, é claro que eu pegava isso. Por isso que hoje eu digo: fale menos e faça mais.<sup>36</sup>

Parte dos entrevistados apontaram preocupações relacionadas entre as diferenças significativas entre o ambiente familiar de hoje e de antes:

O que eu vejo? Eu não sei te dizer ao certo... qual a diferença. É que a gente tinha que... teve que batalhar muito pra chegar aonde nós estamos, né. Então a educação que a gente teve, os pais da gente não tinham condições de incentivar a gente a... grandes coisas. Para eles, se a gente estivesse comendo, podendo estudar, já estava ótimo. A

---

<sup>35</sup> entrevistada 3

<sup>36</sup> entrevistado 9

gente... nós, a gente já procura pros filhos... a gente sonha mais alto, vamos dizer, que a vida deles seja muito melhor do que a nossa, que eles se realizem... na profissão, no estudo, na vida pessoal... acho que na verdade é o que todos os pais querem, mesmo os nossos pais queriam isso pra gente, só que a perspectiva de vida deles era... os meus pais, por exemplo, quando eu nasci, eles já tinham assim uma certa idade, quer dizer, eles são de uma geração bem antiga, né. Hoje, se eles estivessem vivos, o meu pai estaria com 90 e tantos anos. Quer dizer, então... são pensamentos diferentes. Então a gente também teve aquela educação... vamos dizer... mais solta, né... vamos dizer, ao Deus dará. Agora, os filhos da gente, a gente tem procurado encaminhar, ajudar incentivando e tudo... eles... o mais velho, por exemplo, está com 20 anos mas não trabalha, só estuda, né. Então a gente tem procurado facilitar a vida deles. Coisa que nós não tivemos, e justamente eu não sei se isso é bom ou se é ruim, entendeu. Mas é... é coisa da geração, vamos dizer. [risos]

***Então, esse negócio de... essa história de ser bom ou ruim e de ter essa perspectiva melhor agora. Qual seriam as consequências disso... para a geração mais nova? O lado bom é...***

Eu acho que o lado bom é que eles vão ter mais facilidade, vamos dizer, mas eu não sei se... em certo ponto... é bom, porque eu não sei se ele vai dar o valor devido à coisa por ele ter conseguido mais fácil. Essa é minha dúvida. Será que ele vai conseguir dar valor... real da coisa por ele ter conseguido fácil? Porque nós damos valor a muita coisa que a gente tem, porque nós lutamos muito por isso, para ter tudo o que a gente tem hoje. Agora, será que ele vai dar esse valor? [pausa] É o que eu penso. Será que não é facilidade demais? Apesar que a gente tem

procurado orientar, eu não dou muita moleza não, eu procuro orientar para que aprendam a dar valor nas coisas. Mas eu não sei se entre o falar e o fazer... tá condizendo, eu não sei ainda.<sup>37</sup>

Um ponto interessante foi levantado na relação entre este tema e o fenômeno de kassegui. O estudo do fenômeno de kassegui pode trazer importantes revelações da atual importância dada à educação (tanto formal quanto informal) pelos descendentes, frente à possibilidade do ganho de uma renda maior:

***E no final, a maioria dos brasileiros que foram lá é por problema financeiro ou por algum problema social?***

Muitos são por problemas financeiros, né. Ficou com dívida aqui, dívida ali, vai pra lá. Tem alguns que é problema de relacionamento, não casam ou alguma coisa e vai pra lá

***Mas o que é que tem mais lá?***

Muitos porque não querem mais saber de estudar, então vão pra lá."<sup>38</sup>

**5.5. A não aversão aos trabalhos manuais e pouco qualificados**, foi outra característica comum entre os relatos (sete, no total; sendo três na primeira fase de entrevistas, e quatro na segunda). Boa parte dos entrevistados com mais de trinta anos, executaram algum tipo de trabalho remunerado manual e/ou pouco qualificado. Os esforços dos imigrantes que trabalharam no campo e/ou na cidade, foi reconhecido como exemplo importante entre os descendentes de primeira geração, sendo que os descendentes de segunda geração, apesar de não terem executado este tipo de trabalho, também reconhecem o exemplo.

---

<sup>37</sup> entrevistada 3

<sup>38</sup> entrevistada 13

Na minha família, ninguém nunca teve qualquer... vergonha de pegar no pesado, pegar numa enxada... Não que os outros fossem preguiçosos... mas eu acho que o japonês, mesmo aquele humilde, que faz um serviço mais simples, no braço, ele parece ter mais orgulho do que faz.

***E se o senhor tivesse que voltar a fazer isso?***

Não teria problema algum. Na medida do possível, e a barriga deixando, eu até gostaria de voltar a fazer isso. E nem necessariamente trabalhar na terra, que é uma coisa que eu também gosto. Eu gostaria também de fazer algum trabalho de marcenaria, que é uma das minha grandes paixões. Pegar na madeira, fazer uma mesa, cadeiras. Acho que um trabalho assim é muito gratificante.<sup>39</sup>

O fenômeno de kassegui, traz também evidências desta característica, presente ainda nos dias de hoje, tendo em vista que as características dos trabalhos executados pelos de kasseguis são frequentemente descritos pelos cinco "K": *kitsui* (pesado), *kiken* (perigoso), *kitanai* (sujo), *kibishii* (exigente), *kirai* (indesejável).

**5.6. A existência de uma estrutura interfamiliar de apoio:** pelo que podemos verificar com a análise dos depoimentos, a importância de estrutura interfamiliar evidencia-se através de um sistema onde um "caráter solidário" entre as famílias é praticamente uma regra, reforçada pelos valores e características em comum, podendo até mesmo englobar núcleos familiares e indivíduos sem laços de parentesco direto. Tal estrutura interfamiliar evidencia-se principalmente nos momentos de dificuldade sócio-econômica das famílias integrantes.

Eu tive, na época, assim, a gente ouvia do pais e dos amigos dos pais, comentando que tinha esse lado [de uma família ajudar a outra]. Porque eles, realmente, não gostavam de ver um japonês em má situação financeira. Eles procuravam se reunir e dar uma mão para ajudar.

***Uma espécie de conselho?***

É, conselho. E se essa pessoa, mesmo com a ajuda, continuasse, entre aspas, vagabunda, aí eles excluíam.

***E isso era realizado entre amigos?***

É, geralmente.

***Mas, assim, mais próximos ou...***

Acho que não precisava ser muito próximo não.

***Mesmo se a pessoa não fosse muito conhecida...***

É, eles juntavam. E mesmo assim, eles evitavam que a pessoa chegasse até o ponto de ser, assim, tipo mendigo. Eles procuravam o máximo ajudar.

***E a ajuda seria como? Eram só aconselhamentos ou era em termos financeiros também?***

Ah, conselhos e financeiro também

***Chegava-se a emprestar dinheiro, mesmo?***

Sim.

Dentre estes seis temas, pudemos verificar que o sexto tema, sobre a existência de uma estrutura interfamiliar de apoio, seria a melhor hipótese orientadora, dada a sua abrangência e a frequência com que surgiu nas entrevistas. Os cinco primeiros temas, apesar de relevantes, revelaram estar relacionados de uma forma mais forte com a interação que há entre o entrevistado e o entrevistador, durante a

realização de entrevistas, como: o uso de chavões, como forma de expressar fatos que já seriam de conhecimento comum e assumidos como verdadeiros (seja na prática, realmente, ou somente na retórica), e o uso da retórica utilizada pelo entrevistado, para “convencer” o entrevistador, o que desviaria o depoimento da forma mais ideal<sup>40</sup>. Por isto, os resultados obtidos sobre estes temas estariam, pelo menos em parte, mais envezados do que o sexto tema.

Desenvolvendo a hipótese orientadora da pesquisa, agregamos e analisamos as informações sobre a existência e a importância de uma estrutura interfamiliar característica entre os entrevistados. Com isto, pudemos verificar que a estrutura interfamiliar caracteriza-se por um sistema onde um “caráter solidário” entre as famílias é praticamente uma regra, reforçada pelos valores e características em comum.

Este “caráter solidário” pode envolver tanto ajuda financeira, tais como doações, empréstimos, ou sociedade em negócios, como também pode envolver um auxílio social, não financeiro, como a tutela de menores ou a adoção, o estímulo aos estudos, a hospedagem, etc... Os entrevistados, quando indagados sobre a questão, reconheciam que esta é uma característica “comum” entre os descendentes de japoneses.

Quando eu era criança, eu morei alguns anos na casa de primos para estudar. A minha família morava ainda na roça e lá não tinha escola, sabe? Sempre havia esse tipo de ajuda... os parentes se ajudavam muito. Às vezes, em tempo de colheita, o meu pai mandava umas coisas para dividir com vários tios, tias... era saco de feijão, essas coisas.

---

<sup>40</sup> Tal como GARRIDO, 1993, destaca: (...) “o melhor informante é aquele que tem o máximo de informação e o mínimo de opinião; mas este é, sem dúvida um perfil ideal.” pp 44.

***E hoje, esse tipo de coisa ainda acontece?***

Acho que de uma certa forma sim. [Pausa] Inclusive, uma dessas minhas primas foi trabalhar no Japão, como dekasegui, sabe? Ela ia deixar os dois filhos no Brasil, com a minha tia e eu convidei os dois para se mudarem para casa. Achei que ia ser melhor para eles estudarem... minha tia já é velha...<sup>41</sup>

Nos casos em que o apoio desta estrutura não se manifestou por um longo período, foi notado nos depoimentos que, a partir de um certo momento na história de vida de alguns dos entrevistados, houve um certo "desgaste" desta característica - cada família, ao ganhar uma certa posição econômica mais favorável, distanciou-se geografica e/ou socialmente das outras, acabando por "perder o contato". Quando indagados se tal fato era negativo, os entrevistados limitavam-se a julgá-lo como sendo "natural". Apesar disto, nos períodos de dificuldades sócio-econômicas o apoio da antiga estrutura pode ressurgir, dependendo do seu grau de desagregação. Tal estrutura interfamiliar, portanto, tende a ganhar evidência principalmente nos momentos de dificuldade sócio-econômica das famílias integrantes - podendo até mesmo englobar núcleos familiares e indivíduos sem laços de parentesco direto.

Quando a gente [a entrevistada e o marido] foi para o Japão, deixamos a casa fechada. Quem cuidou das coisas para nós foi uma conhecida nossa [também descendente]. Antes de irmos, a gente conversava com ela e tudo, mas ela não era muito 'chegada' [próxima da família]. Depois que a gente foi, ela cuidou de tudo muito bem... com se fosse da família.

---

<sup>41</sup> entrevistada 14

Inclusive foi ela quem vendeu a casa... ela fez todo negócio, cuidou de imobiliária, do contrato, tudo.<sup>42</sup>

As consequências do fim deste tipo de estrutura interfamiliar não foram apontadas nos depoimentos, mas intuimos que isto é um fator complicador para as pessoas que não fazem parte de alguma estrutura, já que foram vários os tipos de apoio descritos.

Esta estrutura possuiu, em certo casos, até mesmo um caráter mais formal, entre os imigrantes e os descendentes de primeira geração, existindo o funcionamento de "conselhos" com representantes das diferentes famílias e reuniões periódicas para a discussão de temas de interesse em comum, bem como a busca de soluções de problemas específicos ou gerais<sup>43</sup>. Pelo que foi verificado, tanto nas entrevistas como também na bibliografia, tal característica possuía grande importância também para as famílias de imigrantes que residiam ainda no campo, antes da migração para os centros urbanos. Tais "conselhos" realizaram-se mais regularmente durante o início do processo de ascensão sócio-econômica das famílias dos entrevistados, perdendo importância (e chegando a deixar de existir) com a melhoria das condições gerais do grupo.

Recentemente, esta estrutura interfamiliar voltou a ganhar importância e evidência. Além da conjuntura econômica desfavorável em diversos setores econômicos e do aumento geral da incerteza<sup>44</sup>, as famílias de ascendência japonesa encontraram também, desde meados da década de oitenta, o surgimento da oportunidade de imigração temporária para o Japão. Diante deste quadro, pudemos

---

<sup>42</sup> entrevistada 13

<sup>43</sup> Característica também evidenciada no trabalho de Henrique Shuhama.

<sup>44</sup> Incertezas na economia e na política: os planos econômicos na segunda metade da década de oitenta (Cruzado, Cruzadinho, Cruzado 2, Bresser, Verão, Collor, Collor 2), mudança de sistema de governo, reformas administrativas, mudanças no sistema público de proteção social, etc...

verificar a existência de uma reestruturação das relações interfamiliares; as famílias diante de uma situação com dificuldades sócio-econômicas decorrentes da imigração (de estudantes e de pessoas economicamente ativas, principalmente da segunda e terceira geração) recorreram ao apoio da estrutura interfamiliar, de modo similar ao estágio anterior à ascensão social, apesar da efetividade desta estrutura ter sofrido um certo desgaste.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **6.1. Sobre o desenvolvimento da pesquisa**

Com a proposta do presente trabalho, buscamos uma primeira aproximação ao estudo da trajetória sócio-econômica de uma população, que notadamente se destacou pela sua mobilidade econômica, a dos brasileiros descendentes de japoneses que hoje pertencem à classe média. O tratamento do tema, longe de ter o caráter de "antropologia econômica", procurou complementar temas como a mobilidade econômica e o desenvolvimento sócio-econômico. Assim, tendo consciência das limitações de um projeto de iniciação científica e, portanto, das limitações do presente estudo, procurou-se desenvolver um trabalho que implicasse em ir além da bibliografia oferecida nas disciplinas do curso sobre temas afins, como Teoria do Desenvolvimento Sócio-Econômico II e Economia Brasileira Contemporânea II, avançando sobre fontes orais que complementassem as escritas. Portanto, o tratamento dado foi também uma introdução metodológica a um tipo de estudo não muito utilizado nas Ciências Econômicas, mas que revelou ser muito importante no decorrer dos trabalhos.

O trabalho do levantamento de problemáticas e do desenvolvimento de hipóteses que podem explicar a trajetória sócio-econômica desta parte da população, relativamente bem sucedida no período mais recente da história, acabou por destacar um ponto: a solidariedade. A solidariedade, apesar de não ser um tema comum de pesquisas no campo das Ciências Econômicas, pareceu aqui ser uma questão extremamente importante no processo de mobilidade sócio-econômica, principalmente numa época onde as Ciências Humanas em geral e também alguns setores da sociedade apontam para a degradação de valores humanos e para os resultados negativos do individualismo e do utilitarismo para a sociedade como um todo.

## **6.3. Sobre o fenômeno de kassegui**

A análise do fenômeno de kassegui, ao afetar diretamente a vida de grande parte da população de descendentes, induz uma nova análise mais aprofundada dos temas levantados. A possibilidade de entrar em contato com uma cultura que, muitas vezes, se supunha conhecida, a possibilidade de melhorar sensivelmente a situação econômica familiar, e a ausência temporária de familiares imposta pela distância, características deste fenômeno - têm aberto novas frentes de estudo e de reflexão acadêmica, sendo que a utilização de fontes orais têm sido bastante verificadas em pesquisas mais recentes.

O perfil dos que imigram varia muito e está sendo alvo de várias pesquisas. Em geral, os estudos tem indicado que a maioria pertence à classe média, sendo que muitos têm formação de nível superior e exerceram atividades que exigiam certa qualificação no Brasil.

#### 6.4. Sobre o trabalho com entrevistas

Outro aspecto que se mostrou relevante no nosso trabalho, foi o caráter revelador do trabalho com fontes orais. O entrevistado ao conversar (e apresentar a sua versão, portanto) sobre o seu passado, acaba realizando uma análise sobre os acontecimentos de sua vida - análise que acaba não se limitando ao entrevistado, mas que também força uma reflexão ao entrevistador sobre si mesmo, de forma realmente surpreendente. Ao manter contato com outras histórias de vida, de pessoas com perfil semelhante, o entrevistador pôde também conhecer melhor a sua própria trajetória sócio-econômica e reavaliar os seus valores e o seu projeto de vida.

#### 7. BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. História Oral - A Experiência do CPDOC RJ; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/FGV; 1990.

BACHA, Edmar. "Plano Real: Uma Avaliação Preliminar" in "Revista do BNDES" n°3; junho de 1995.

BARROS, R.P. & MENDONÇA, R. "Os determinantes da desigualdade no Brasil" in A Economia Brasileira em Perspectiva 1996 volume 2; RJ; IPEA; 1996.

BAUMANN, Renato (org). O Brasil e A Economia Global RJ; Editora Campus; 1996.

BRIOSCHI, L.R. & TRIGO, M.H.B. "Interação e Comunicação no Processo de Pesquisa" in "Textos CERU" n°3, 2ª série; SP; CERU; 1992.

CANO, Wilson. Concentração e Desconcentração Regional no Brasil: 1970-1995 Campinas, mimeo, fevereiro de 1997.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Estrutura Familiar e Mobilidade Social - Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1972.

CARNEIRO, Ricardo. Crise, Estagnação e Hiperinflação Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas; 1991.

CHIGUSA, Charles Tetsuo. A Quebra dos Mitos Atsugi, Japão; International Press Corporation; 1994.

"FOLHA DE S.PAULO", diversas edições; 1994-1995.

FOGAÇA, A. & EICHENBERG, L.C. "Educação Básica e Competitividade" in VELLOSO, J.P.R. Educação e Modernidade RJ; Nobel; 1993.

GARRIDO, Joan del Alcàzar i. "As Fontes Oraís na Pesquisa Histórica: Uma contribuição ao Debate" in "Revista Brasileira de História" volume 13, nº 25/26; SP; ANPUH/Marco Zero; setembro de 1992/agosto de 1993.

HANDA, Tomoo. O Imigrante Japonês São Paulo; T.A. Queiroz/U.S.P.; 1987.

IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. "Cor da População" - suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD; 1988.

"INTERNATIONAL PRESS", diversas edições; 1995-1997.

JANOTTI, M.L.M. & ROSA, Z.P. "História Oral: Uma Utopia?" in "Revista Brasileira de História" volume 13, nº 25/26; SP; ANPUH/Marco Zero; setembro de 1992/agosto de 1993.

KAWAMURA, Lili Katsuco. "Qualificação de Trabalhadores Brasileiros no Processo de Trabalho no Japão" in Internacionalização no Japão e a América Latina Centro de Estudos da América Latina, Universidade de Nanzan, Japão; mimeo.; 1994.

\_\_\_\_\_. Trabalhadores Brasileiros no Japão: Estratégias de Formação Cultural Tese de Livre Docência em História da Educação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MORI, Koichi (coord). Pesquisa da População de Descendentes de Japoneses Residentes no Brasil. São Paulo; Centro de Estudos Nipo-Brasileiros; mimeo.; 1990.

NINOMIYA, Masato (org). Dekassegui - Palestras e Exposições do Simpósio sobre o Fenômeno Chamado Dekassegui Sociedade de Cultura Japonesa, Editora Estação Liberdade; São Paulo; 1992.

OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de; MATTOSO, Jorge Eduardo Levi; SIQUEIRA NETO, José Francisco; POCHMANN, Marcio; OLIVEIRA, Marco Antonio de. (org) O Mundo do Trabalho São Paulo; Editora Página Aberta; 1994.

OLIVEIRA, Fabrício A. de. (org) A Economia Brasileira em Preto e Branco SP; HUCITEC/FECAMP; 1991.

OLIVEIRA, Gesner. O Brasil Real SP; editora Mandarim; 1996.

PAIVA ABREU, Marcelo de (org). A Ordem do Progresso Rio de Janeiro; Editora Campus; 1990.

PASTORE, José. HALLER, Archibald O. "O Que Está Acontecendo Com a Mobilidade Social no Brasil?" Universidade de São Paulo; mimeo; 1993.

PATARRA, Neide (org). Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo Campinas; Fundo de População das Nações Unidas - F.N.U.A.P.; v.1; 1995.

\_\_\_\_\_. (coord). Migrações Internacionais Campinas; Fundo de População das Nações Unidas - F.N.U.A.P.; 1996.

PELIANO, José Carlos Pereira. Distribuição de Renda e Mobilidade Social no Brasil: a Ordem e o Progresso Desiguais Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas; 1992.

QUADROS, Waldir José de. A Nova Classe Média Brasileira: 1950-1980

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas; 1985.

\_\_\_\_\_ O "Milagre Brasileiro" e a Expansão da Nova Classe Média Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas; 1991.

\_\_\_\_\_ (coord) Agregação Familiar da PEA Urbana da Grande São Paulo e do Interior do Estado em 1980. Campinas; Relatório de pesquisa SEADE/FECAMP; mimeo.; 1993.

\_\_\_\_\_ "A Reestruturação das Empresas e o Emprego de Classe Média" in Crise e Trabalho no Brasil Carlos Alonso B. de Oliveira (org); 1996, São Paulo, Editora Scritta; 1996.

ROMANELLI, Geraldo. Famílias de Camadas Médias: a Trajetória da Modernidade Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; 1986.

SAES, Décio A. M. Classe Média e Sistema Político no Brasil São Paulo; T.A. Queiroz/U.S.P.; 1985.

SAITO, Hiroshi (org). A Presença Japonesa no Brasil. São Paulo; T.A. Queiroz/U.S.P.; 1980.

SINGER, Paul. A Crise do "Milagre": Interpretação Crítica da Economia Brasileira Rio de Janeiro; Paz e Terra; 1985.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. Uma Epopéia Moderna - 80 anos da imigração japonesa no Brasil São Paulo; HUCITEC; 1992.

TAVARES, Maria da Conceição; ASSIS, J. Carlos. O Grande Salto para o Caos. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editores; 2ª edição, 1986.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral São Paulo; Paz e Terra; 1992

## 8.1. O Corpus de entrevistas

Seguindo a opinião de Garrido (1993), fragmentamos o texto tematicamente e criamos um conjunto de depoimentos:

- Anos setenta

***E... depois que vocês casaram, quantos filhos vocês tiveram?***

São três filhos.

***Qual a idade deles?***

O mais velho vai... já tem 20 anos, faz faculdade; a menina do meio tem 18 e tem um de 14. Todos eles estudam, o pequeno faz oitava série, o menor, a menina ela está fazendo quarto ano de curso técnico...

***E ele [o filho da entrevistada] está fazendo faculdade de...?***

De engenharia elétrica na POLI.

***Como é que foi a vida de vocês logo depois do casamento? Vocês continuaram em S.P.?***

É, nós sempre moramos em S.P. né. Depois que a gente voltou da viagem logo, depois que a gente casou, nós moramos numa casinha que conseguimos comprar, uma casa, com muito sacrifício. Foi... no começo foi uma vida bastante sacrificada.

***Essa viagem foi...?***

Foi a serviço do... dele [do marido da entrevistada], né. Mas... a gente ficou lá praticamente uns seis meses. Nós fomos lá pra um... um... um estudo né também. Para valer como estudo.

***Depois de casados então, vocês passaram a morar junto, compraram uma casa tal, isso foi em que época mais ou menos?***

Em 75 né, nós casamos, em agosto nós compramos a nossa casinha depois que voltamos da Europa...ah... tivemos um bom tempo de vida sacrificada, inclusive em 76 nasceu o meu filho mais velho, mas graças a Deus as coisas foram dando certo, né.<sup>45</sup>

***E no decorrer dos anos setenta? Quando vocês já estavam no mercado de trabalho...***

Ah, foi com muito sacrifício, muita luta, muita garra. Usando aquela, vamos dizer assim, aquela coisa oriental, aquela filosofia... observar muito, trabalhar e se dedicar bastante... que não era imposto, não, não era imposto pelos meus pais. Era uma coisa quase natural.

***E na sua época de faculdade, a situação da sua família...***

Ah, era só trabalho.

***E quando o senhor sentiu que as coisas começaram a melhorar?***

Ah, depois que eu me formei. Eu fui aplicando aquele meu hábito de sempre, ir anotando tudo o que eu ganho e tudo o que eu gasto, sempre procurando poupar. E isso, eu comecei a fazer desde que comecei a ganhar, em 72. Ajudava meus pais com uma quantia, certo?<sup>46</sup>

<sup>45</sup> entrevistada 3, 45 anos, , é nissel (primeira geração de descendentes de japoneses nascida no Brasil), é casada com o entrevistado 2. Ajudava os negócios do marido, atualmente mantém uma loja em um shopping em SP.

<sup>46</sup> entrevistado 9, é nissel, a sua esposa não é descendente de orientais. É médico, clínico geral.

Tinha ano, como a gente lidava com a lavoura, que corria bem, até a gente ganhava presente, e tinha ano que apertava.

***E quando o senhor estava entrando na faculdade [final dos anos sessenta], a situação da sua família era a mesma?***

Já tinha melhorado, a gente já tinha um pedaço de terra [a família arrendava terras, antes]. Então, estava melhor do que antes.

***E a situação foi melhorando gradativamente?***

Não, acho que ficou estabilizada.

***E, logo que terminou a faculdade, o senhor já entrou no mercado de trabalho?***

Eu, já antes de me formar, era voluntário, fui convidado a dar aula.

***Mas não tinha vínculo empregatício?***

Não, não. Aí, depois, eu ganhei uma bolsa da FAPESP, de iniciação. Então, deu para manter um pouco melhor a vida de estudante. Aí me formei e fiquei trabalhando um ano e meio sem... porque não saía contrato direto. Você ficava trabalhando para depois ser contratado.

***E, durante esse tempo, o senhor teve apoio dos pais? Em termos financeiros...***

Tudo, tudo.

***Existia algum tipo de pressão? Tem que trabalhar logo, se virar?***

Não, não. Pressão nenhuma.

***E, efetivamente, o senhor começou a trabalhar...***

É, na época, eu tive sorte, vamos dizer assim. Para trabalhar como docente, era convite. E quando a pessoa era boa, ela era convidada para ficar como professor. Eu não era dos piores, era relativamente bom aluno, e fui convidado.

***E quando começou a trabalhar, o senhor acha que a sua situação financeira estabilizou rapidamente?***

É, eu acho sim. Você, na época solteiro, era um ordenado razoável. E, com isso, às vezes até ajudava os casados, certo? Financeiramente falando, como solteiro, estava bom.

***Na década de setenta, o Brasil passou pelo chamado "milagre econômico"...***

Sei, sei.

***O senhor sentiu alguma diferença naquela época? Tinha uma noção do que estava acontecendo?***

Eu, particularmente, sempre gostei de ler no jornal a parte de economia. E, naquela época, eu acho que a gente deu uma boa arrancada. Então, a gente conseguiu comprar algumas coisas. Aí, nesse período de setenta, setenta e pouco, eu me casei, e logo depois comprei um carro.

***O senhor acha que, dentro deste período de expansão da economia, em relação aos amigos e conhecidos não descendentes de japoneses, o senhor teve um desempenho melhor? Se saiu melhor? Alguma particularidade que o senhor poderia ressaltar?***

Bem, eu acho que a gente aprendeu desde pequeno, a deixar alguma coisa, não só no momento, mas para o futuro mesmo. Poupar alguma coisa. Então, com isso, eu, particularmente, consegui guardar um pouco mais, nesse período que estava bom, para mais adiante.

***E isso veio dos seus pais?***

É dos meus pais.

***Mas isso é uma coisa que eles passavam diretamente ou é só vocês só observando...***

Não eles sempre falavam, para manter isso, não pensar só no dia de hoje. Deixar sempre alguma reserva.

***E o senhor acha que os outros não poupavam tanto? Não tinham esse tipo de mentalidade?***

Não sei se todos... alguns poupavam, mas a maioria acho que não poupava.

***O senhor acha que eles tiveram algum tipo de deslumbramento? Consumiram demais?***

Ah, eu acho que teve gente que consumiu muito... além do normal.<sup>47</sup>

***E quando o senhor casou, constituiu família, como estava a sua situação financeira?***

É, já estava melhor. Dentro dos padrões... meus e da minha esposa... acho que estava razoável... nem ricos, nem pobres... Dava para viver bem, em harmonia.<sup>48</sup>

• **Anos oitenta**

***E nos anos oitenta, com a crise econômica, como estava a situação?***

É eu não senti muito esse drama, porque eu anotava tudo o que eu gastava, controlava bem o dinheiro, já tinha poupado antes. Eu não senti muito, se era preciso adia certos gastos... gastos supérfluos...

***E os seus irmãos?***

Acho que eles também se saíram bem. A gente nunca trocou idéias a respeito de como superar a crise, mas acredito que se fosse necessário, um ajudaria o outro.

***E quanto aos seus amigos?***

**Ah, acho que muitos se deram mal.**

*E pessoas que, num momento anterior, estavam na mesma situação financeira que o senhor?*

**Ah, até melhor, viu?<sup>49</sup>**

***E o mesmo se aplicaria para os momentos de crise, quando começou a aumentar muito a inflação?***

Ah, aí ele já soube economizar antes. Já tem uma reserva.

***Então o senhor acha que os descendentes de japoneses, sabendo lidar melhor, tanto nos momentos de expansão, como nos de crise, isso se deve a quê?***

É, isso, eu acho assim, é uma educação que ele teve, então já... ele criou-se assim. Ele já aprendeu que... ele sempre no melhor possível. E isso se deve aos pais, veio deles essa mentalidade de guardar nos momentos bons, pensando em se preparar para os ruins.<sup>50</sup>

• **Associações e Organizações de descendentes**

Eu conheço gente que só anda com japonês, só vai em baile de japonês, só corta cabelo em japonês, só vai em shopping de japonês, só vai em festa de japonês... Conheço gente que é assim. Às vezes tem associações entre faculdades só de japonês. Eu não gosto. Quando eu morava fora, lá em Minas e no (Rio Grande do) Sul, eu me sentia assim que diferente, discriminada pelos outros... pelo fato de ser japonês... eu acho que se eu entrasse numa associação dessas eu estaria discriminando os outros. Não sou diferente de ninguém, para andar separada dos outros. Mas esse pessoal faz isso, parece que é um pessoal que está querendo resgatar alguma coisa assim da tradição de japonês e tal. É um pessoal que quer falar japonês, só quer andar com japonês... tudo japonês.

***E qual é a vantagem disso?***

---

<sup>47</sup> entrevistado 8, é nissei (e sua esposa é nissei também). É formado em Farmácia e é professor universitário.

<sup>48</sup> entrevistado 9

<sup>49</sup> entrevistado 9

<sup>50</sup> entrevistado 8

Então, aí é que está. Eu não vejo vantagem nenhuma. Mas... a gente vê que é... é um sentimento assim bem superficial, sabe. Você vê que o cara não tá fazendo isso para defender coisa nenhuma. O cara é... é bobeira.<sup>51</sup>

- **educação, escolha da carreira**

***O fato de você ser uma descendente de japoneses, já foi motivo de orgulho, ou algo assim?***

Pelo fato de ser japonês, não.

***Na escola, não te valorizavam?***

Pelo fato de eu ser japonesa, não.

***Você ia bem na escola?***

Sempre fui.

***E nunca te falavam assim: "Ah, ela vai bem porque é japonesa?"***

É, na época do vestibular, eles sempre dizem "Mate um japonês e garanta a sua vaga!" Mas eu acho que é tudo besteira. O pessoal sabe que é besteira. porque o que tem de japonês vagabundo por aí...

***Você acha que antes não era assim?***

Talvez antes não tivesse tanta gente folgada porque os pais obrigavam o filho a ir bem e tal... Ah, sei lá, a gente ouve tanta história. Também acho que isso não cola.

***A importância que os japoneses dão para a educação é uma coisa que se fala muito. Você acha que há diferença nisso ou não?***

Acho que não. Toda família quer que seus filhos sejam bons...

***A cobrança...***

Não importa se são japoneses ou não. Acho que não<sup>52</sup>.

***A vida sofrida que eles [os pais] levaram, não era um estímulo a mais para vocês [os filhos] estudarem?***

Ah, sim. Mas o principal, foi aquilo que ele [o pai] nos disse: estudar é uma forma de vocês se libertarem, de vencer na vida, certo? E eu captei essa mensagem. Ele [o pai] nunca disse: leia isso, leia aquilo. Ele não tinha idéia do que era a medicina, do que seria uma engenharia... Quer dizer, era o exemplo. A base da pirâmide, para mim, foi a família. E o resto era o potencial de desenvolvimento de cada um.<sup>53</sup>

***Tinha alguma diferença bem significativa entre os amigos descendentes de japoneses ou não?***

O que tinha de diferente? Eu não sei... ah...

***Quanto à amizade, o jeito...?***

A gente tinha aquela amizade, assim, vamos dizer... na escola, por exemplo, na terceira, quarta série, nós tínhamos bastante amizade né... tinha um grupinho de japoneses, né. Nessas classes em que eu estive, foram classes que nunca se misturaram, eles colocaram o mesmo pessoas da terceira série, na quarta série do ginásio, e tinha uma boa turma de japoneses. Então a gente costumava fazer trabalho juntos, ia em baixinhos juntos, ia em festa tudo junto. E tinha alguns brasileiros que se misturavam com a gente, e eles achavam que a gente era mais inteligente ou porque isso mais aquilo, estudava melhor, tirava notas melhores, e queriam se relacionar porque eles achavam que iam também, com isso, serem melhores. Mas a gente não achava que era melhor só porque era japonês ou não, era

---

<sup>51</sup> entrevistada 1, 23 anos, é sansei (segunda geração de descendentes de japoneses nascida no Brasil), é solteira. É estudante de odontologia na USP.

<sup>52</sup> entrevistada 1

<sup>53</sup> entrevistado 9

questão de estudo, né. A gente se dedicava mais aos estudos. Também na hora que a gente tinha... que estudar, a gente estudava a fundo e tal, então, quer dizer... eu acho que era fruto de estudo e não questão de inteligência ou por sermos japoneses ou não. Agora acredito que... muita gente falava: "é, porque vocês são japoneses, por isso que são mais inteligentes ou tiram notas melhores". Mas eu não acho que isso seja o caso.<sup>54</sup>

**Quando o senhor estudava tinha alguma diferença, assim, que o senhor lembra, alguma coisa em que...o... tinha mais estudantes descendentes de japoneses quando o senhor estudava na classe? Era só japonês ou só brasileiro... Como é que era?**

Não, na verdade no meu curso tinha mais brasileiro do que japonês.

**E tinha alguma diferença do senhor com os seus colegas pelo fato do senhor ser japonês ou não?**

Não, o que eu diria é...

(final da fita)

A gente tinha poucos descendentes de japoneses, né, mas sempre que se faz um trabalho, no meu caso, por exemplo, nós sentíamos que a forma como era tratado, encarado um trabalho... acho que dos colegas descendentes era sempre mais preocupante em realizar aquele trabalho. Agora, no meu estudo eu diria que tinha algo de diferente porque... eu tinha como amigos, muitos amigos que já eram da própria indústria... e o relacionamento de uma forma geral, a classe era muito boa, eram pessoas...

**Mas te viam diferente pelo fato de ser descendente de japonês ou não?**

No meu caso eu não diria que havia uma diferenciação. No meu caso não.

**Mas o senhor via alguma coisa diferente?**

Não sei...

**Algo do tipo assim: o jeito que eles falavam, o jeito que era tratado?...**

Não, sempre existe dentro de um curso, mas não é porque é filho de japonês, mas também existe... o filho dos outros também se destaca. Agora, sempre é dito, tanto na escola quanto na vida profissional, que japonês assume, que japonês é isso, sempre existiu e existe até hoje. Existe pensamento... muita gente dizia assim que dificilmente via-se filho de japonês que é mal sucedido. Mas também quando encontra japonês ruim, isso é pior do que qualquer raça [risos], por causa desse vício né. E na escola é a mesma coisa. Eu acho que mesmo em trabalho de equipe, dentro de uma escola ou dentro de uma indústria isso existe realmente... é... eles consideram que [descendente de] japonês assume... a sua... [pausa]

**Mas os [descendentes de] japoneses levam isso em consideração?**

Ah, sim. Levam muito.

**Mas isso é uma coisa que vem mais do pessoal de fora assim que vê os japoneses, ou dos próprios japoneses [idem]? Da onde é que vem isso?**

Não, eu vejo no meu trabalho mesmo...<sup>55</sup>

**Porque é que o senhor escolheu essa área, vamos supor, trabalhou como torneiro, depois fez o curso técnico de química, depois engenheiro químico,... como é que se deu essa escolha aí? Foi uma coisa assim... como é que foi?**

É, isso foi uma escolha até... não programada, diria eu, porque quando eu vim do interior que eu deixei a família, eu já vim com uma profissão de torneiro, mas com a intenção de continuar a carreira de torneiro, ou seja, a carreira mecânica, mas devido a falta de dinheiro, a escola que eu fui procurar teria que estudar o dia inteiro, então não teria dinheiro pra me sustentar. E então de repente... até por ter dois primos já estudando um curso técnico em química, numa escola, sendo que um dos meus primos estudava a noite, surgiu a idéia de que eu... tentar fazer esse

---

<sup>54</sup> entrevistado 2, 47 anos, é nissei, engenheiro químico, trabalha como vendedor especializado de produtos químicos.

<sup>55</sup> entrevistado 2

curso também nessa mesma escola a noite, porque assim daria pra mim trabalhar durante o dia e estudar a noite pra me sustentar. Então por acaso eu parti pro lado da química por esse motivo. Agora, graças a Deus, depois de estudando química e trabalhando mecânica eu entrei num segmento profissional que envolvia os dois... é... estudos. Então, eu poderia dizer que pra mim isso foi um acerto muito bom de ter feito química. Isso profissionalmente, me deu a minha realização profissional, né.<sup>56</sup>

***E a senhora? Porque é que escolheu fazer o curso de química? O que a influenciou a fazer o curso?***

Um pouco pra mim foi a questão de eu ter ido trabalhar e ter que arrumar um curso pra fazer de noite. Eu... eu... gostaria de ter feito bioquímica, mas também não... era muito difícil, tal, e como eu consegui entrar na engenharia química, eu fui fazer um curso noturno de engenharia química, porque eu tinha que trabalha de dia.

***Teve algum parente que fez... algum curso parecido ou não?***

Comigo não

***Não?***

Não. Mas é que eu sempre gostei de química também

***A senhora fez o científico, né?***

É, o científico. Inclusive química era uma matéria que eu ia muito bem, né.<sup>57</sup>

***Havia uma preocupação para que os filhos tivessem uma formação acadêmica?***

Não, não. Eu nunca fui cobrado disso. Ele [o pai] só dizia que a gente, num sentido geral, tinha que estudar.

***Mas, se alguém tivesse optado por um trabalho braçal...***

Não, havia os meus avós, que diziam que as mulheres não deviam estudar. Mas, dos meus pais, eu nunca ouvi isso.

***Mas o senhor acredita que os seus pais não fariam objeções, caso alguém [um dos filhos] resolvesse não fazer uma faculdade?***

Não, eu acho que não, porque nunca ninguém falou nada disso. Eu até tentei o comércio e ninguém foi contra.<sup>58</sup>

***E o senhor acha que a sua família teve alguma influência na escolha da sua carreira?***

Na escolha não, porque eu não tive modelo nenhum que me inspirasse. Foi uma livre escolha, mas sempre com a intenção de, não só ficar até o final do colegial, mas sim tentar se sobressair.

***Mas, mesmo não tendo um modelo para seguir, os pais não tinham uma idéia do que...***

Fazer isso ou aquilo?

***É, "vai ser médico, ou..."***

Não, não.

***E a partir do momento que o senhor escolheu? O apoio continuou o mesmo?***

O apoio continuou o mesmo. Nunca falaram assim "ah, devia ter feito aquilo". Sempre deram apoio até a gente ficar livre, assim, deles, no sentido financeiro.<sup>59</sup>

***A sua família teve alguma influência na sua formação profissional? Na escolha da sua carreira...***

---

<sup>56</sup> entrevistado 2

<sup>57</sup> entrevistada 3

<sup>58</sup> entrevistado A.F.

<sup>59</sup> entrevistado 8

Diretamente, acho que não. Ninguém me falou assim: vá fazer engenharia. Só tinha aquela preocupação de que a gente estudasse, sempre progredisse.

***O apoio era incondicional?***

Incondicional? Ah, era... Bem, eu, particularmente, já na faculdade, demorei um pouco mais para me formar. Então, teve uma vez que meu pai me perguntou se eu queria mesmo fazer aquilo, se eu não queria voltar para casa e ajudar nos negócios. Mas, depois, ele não falou mais nisso.

***E por ser o filho mais velho, não houve algum tipo de pressão para...***

Para eu voltar? Não, não. Acho que meu pai teria falado para qualquer filho que relaxasse um pouco nos estudos. Pelo contrário, acho que houve um pouco de pressão para que a minha irmã mais nova ficasse...

***Pelo fato de ser mulher?***

Não, não era isso não. Nem com ela, nem com minha outra irmã, isso não tinha, não. Talvez os meus avós... Acho que foi mais porque ela era a última [a deixar a casa]... Os meus pais já estavam velhos...<sup>60</sup>

É hoje já praticamente não se frequenta escola japonesa.

***Mas porque que não se frequenta?***

Uma porque... por exemplo, o meu filho mais velho ele falava japonês quando era criança, aí todo mundo dava risada e falava: "ah mas não é assim que se diz, não é assim que se fala" - porque ele estava falando japonês e o outro estava falando português. Então ele acaba ficando com vergonha de estar falando coisa errada, só que pra eles, eles não entendiam que era certo, só que era na outra língua. E depois como a mãe tinha que ajudar tudo com as lições que tinha como tarefa de casa, é mais fácil você ouvir português e falar português do você que falar japonês. E japonês é uma língua difícil, né. Difícil não digo para se falar, mas para se escrever é muito difícil. Então acaba dificultando também a aprendizagem. Então, só na hora em que ele sentirem necessidade é que ele vai aprender, eu acho.<sup>61</sup>

É, eles [os pais] tentaram inculcar, tipo assim, a gente [os filhos] falar japonês, escrever. Então, nós até, quando morávamos na fazenda, tínhamos uma escola que os pais da gente montaram, para os filhos de japoneses. E a gente foi um pouco. Depois veio o período da guerra e acabou a escola. E depois que eu entrei na faculdade, tentei estudar de novo, mas isso mais por causa da necessidade. Como descendente, o ideal seria que você tivesse um pouco de conhecimento.

***Mas, no caso dessa história de que os pais montaram uma escola para os filhos de japoneses, isso aí era para quê? Eles estavam preocupados que os filhos...***

Os colonos, e tinha muito colono imigrante japonês, eles queriam manter aquela tradição deles.<sup>62</sup>

***Qual é a opinião de sua avó sobre o fato de você não saber japonês, o fato de você...***

Ela às vezes fala para eu aprender e tal, mas nunca me cobrou, me forçou, me deu bronca. Às vezes eu pergunto para ela como é que se fala alguma coisa e a gente vê que ela tem o maior prazer em ensinar, porque sabe, né..<sup>63</sup>

***E quando você tiver seus filhos? Como você pretende educar eles?***

Não sei..

---

<sup>60</sup> entrevistado 12

<sup>61</sup> entrevistada 11, 49 anos, nissei (seu marido também é nissei), dona de casa.

<sup>62</sup> entrevistado 8

<sup>63</sup> entrevistada 1

***Por exemplo, o fato de você não ter frequentado escola de japonês não dificultou em nada a sua vida? Não deixou de ajudar em alguma coisa? Você acha que não fez diferença nenhuma?***

Ah, às vezes, né; quando a gente encontra com parente, primo que mora no Japão, vemos o pessoal conversando em japonês... e você vê que não fala nada, você se sente meio largado, né? Meio burro, meio imbecil, né?

***Então, quando você tiver seus filhos, você vai incentivar eles a aprenderem o japonês?***

Não, se quiser vai, se não quiser... O pouco que eu sei eu posso tentar passar, mas obrigar assim, não...

***Mas, quando se é criança é difícil compreender direito essa questão... é difícil resolver se quer aprender ou não...***

Então... mas eu não vou botar na escola... Acho que isso não é bom.

***Mas, por quê?***

Ah, sei lá... Tanta criança aí que botaram na escola com 2, 3 anos e hoje não sabem nada de japonês. Não vai fazer diferença, não. Os que foram por vontade própria, esses sim, estudam, sabe e tal, se dedicam. Não foram só porque os pais obrigaram.<sup>64</sup>

***Se fosse ver a diferença da educação, né, diferença da educação que seus filhos recebem hoje, da que a senhora recebeu, quais as diferenças e o que tem de igual que a senhora acha... na parte de educação?***

De educação... Olha, pra dizer, eu acho que hoje está tudo muito mudado, né... mas que a gente procurou dar o melhor estudo, o melhor que a gente pôde dar, a gente tem dado. No nosso tempo, por exemplo, a gente fazia escola estadual, né, que era, naquele tempo, era muito bom. Hoje em dia a gente não tem condições de deixar numa escola estadual porque o estudo realmente é muito fraco. A gente tem procurado as melhores escolas, demos cursos de Inglês, o curso que eles queriam fazer a gente incentivava a fazer, coisa que por exemplo, eu não tive incentivo assim. Tive oportunidades, ganhei bolsa de estudo pra fazer curso de línguas tudo, mesmo um curso na França, mas não tive essa oportunidade de ir, de concretizar, porque os meus pais achavam que como mulher eu não precisava disso. Então eu não... eu tive oportunidade mas não pude fazer. Então eu procuro dar pros meus filhos essa oportunidade deles poderem estudar. Ah... assim o que eu acho de diferente é... esse problema da escola pública que hoje está muito ruim... e... e a gente tem é que procurar ter... a concorrência é grande, né?<sup>65</sup>

- **Capacidade de Integração**

***[os imigrantes japoneses] Queriam que os filhos aprendessem coisas da cultura e educação japonesas...***

É.

***E dentro disso, havia alguma restrição dos pais quanto aos filhos fazerem amizades com filhos de colonos que não fossem japoneses?***

Não, eu acho que não, que eu me lembre não. A gente brincava junto com japoneses, descendentes de italiano, de português, de brasileiro.

***E a sua família se dava bem com os colonos não orientais?***

Acho que se dava sim.

***Conviviam normamente?***

Normalmente.

***Não fazia restrição?***

---

<sup>64</sup> entrevistada 1

<sup>65</sup> entrevistada 3

Que eu saiba, não. É porque até se montava time de futebol, tudo.<sup>66</sup>

***E no convívio com outras pessoas? A maioria das pessoas com quem o senhor conviveu eram descendentes de japoneses ou não eram?***

Não, era geral, né, porque como eu comecei a trabalhar assim que eu vim pra cá, vindo do interior, cidade pequena, então nós tínhamos colonização já dentro da própria empresa, né. Inclusive era bem diverso o tipo de pessoa onde a gente vivia, né. Eu, principalmente porque trabalhei dentro de grandes empresas onde tinha muitos funcionários, então o convívio era... era entre japonês e brasileiro, não tinha uma... diferença<sup>67</sup>

Eu já tinha... assim ...meus pais eram de religião budista, né... até eles falecerem eles sempre frequentaram a igreja budista tal, então eu já fui batizada católica, então eu tinha tanto amigos na igreja católica quanto na igreja budista. E cresci assim, sempre com as duas religiões sempre, tanto de uma igreja quanto da outra, agora, de associação assim, eu nunca participei. Mas a gente tinha na escola um... círculo de amizade grande, tanto na escola normal quanto na escola japonesa. Então eu sempre tive aquela... círculo grande de amizades com brasileiros, com japoneses, com descendentes de japoneses. Eu tive, assim, um relacionamento... vamos dizer... no geral bem misto, vamos dizer. E logo que eu saí da escola japonesa com 16 anos e tal, logo depois já comecei a trabalhar, né... então eu... posso dizer que tive relacionamento com todo o tipo de pessoa.<sup>68</sup>

Olha, eu sempre tive, eu acho, mais amigos brasileiros que japoneses. E eu sempre frequentei a casa deles, assim como eles frequentavam a minha. Então... é isso que você quer saber, não?

***Sim.***

Então... eu sempre fui bem recebido, assim com minha família os recebia bem...<sup>69</sup>

#### • **Relacionamento Interfamiliar**

***Há algum parente na sua família que tenha maior influência todos, no geral?***

Meu avô, quando era vivo e não era tão velho, tinha. Depois que ele foi ficando mais velho, aí cada filho agia mais por conta, não tinha mais tanto essa influência.

***E, então, como se davam os relacionamentos? Não houve outra pessoa que ocupou o lugar?***

Não<sup>70</sup>

***Fora esses momentos: festas, enterros, casamentos; não há outras ocasiões que a sua família, a família dos irmãos dos seus pais se relacionam conversam?...***

Às vezes, vem um outro em casa, visitar, só.

***Bem... Só nessa parte... por exemplo, se uma família está precisando de ajuda financeira, você acha que há ajuda dos demais, ou não?***

---

<sup>66</sup> entrevistado 8

<sup>67</sup> entrevistado 5, 43 anos, nissei, divorciado (sua ex-mulher é nissei também). É comerciante.

<sup>68</sup> entrevistada 3

<sup>69</sup> entrevistado 12, é nissei, sua esposa não é descendente de orientais. É engenheiro civil e trabalha como consultor.

<sup>70</sup> entrevistada 1

Tem, tem. Mal ou bem, tem.

***E nisto, pesa o fato de ser japonês, ou não?***

Não.

***E como é essa ajuda? Já houve algum caso que você possa contar?***

Teve. Uma vez meu pai ficou na “tanga” em dinheiro e os irmãos da minha mãe casados com as irmãs do meu pai vieram oferecer dinheiro para ajudar, e ajudaram.

***E isso só ocorreu nesse caso mais grave ou não?***

É, é. Aí, ele emprestou dinheiro e tal. E como bom irmão, bom tio, bom japonês, [a entrevistada fica irritada] depois cobrou juros... assim, da própria irmã, cunhado! Eles ajudaram, mas como se fosse uma obrigação.

***Então, vocês acham certo a pessoa chegar lá, ajudar sem cobrar nada?***

Sim. A gente já ajudou outros assim... E quando a gente ajudou não houve esse lado de ser um negócio. A gente não ia sacanear os outros também.<sup>71</sup>

Eu tive, na época, assim, a gente ouvia do pais e dos amigos dos pais, comentando que tinha esse lado [de uma família ajudar a outra]. Porque eles, realmente, não gostavam de ver um japonês em má situação financeira. Eles procuravam se reunir e dar uma mão para ajudar.

***Uma espécie de conselho?***

É, conselho. E se essa pessoa, mesmo com a ajuda, continuasse, entre aspas, vagabunda, aí eles excluíam.

***E isso era realizado entre amigos?***

É, geralmente.

***Mas, assim, mais próximos ou...***

Acho que não precisava ser muito próximo não.

***Mesmo se a pessoa não fosse muito conhecida...***

É, eles juntavam. E mesmo assim, eles evitavam que a pessoa chegasse até o ponto de ser, assim, tipo mendigo. Eles procuravam o máximo ajudar.

***E a ajuda seria como? Eram só aconselhamentos ou era em termos financeiros também?***

Ah, conselhos e financeiro também

***Chegava-se a emprestar dinheiro, mesmo?***

Sim.

***Isso era na geração dos pais. E na sua geração, especificamente, isso já se diluiu?***

Diluiu bastante.

***E o senhor acha que esses grupos tiveram alguma influência na sua formação? Assim, no sentido de colocar na cabeça...***

Não, você sempre pega um pouco... No sentido assim: se vier alguém pedir ajuda, desde que você possa ajudar, e ele mereça, acho que a gente aprendeu a ajudar. Isso eu acho que... por iso mesmo, eu gosto muito de ajudar. Aqui a gente ajuda a APAE...<sup>72</sup>

No meu caso já é diferente, porque a minha mãe veio do Japão, por exemplo, sozinha. Então todos os irmãos que ela tinha ficaram lá no Japão. Então eu não conheço nenhum dos que estão lá, me correspondo de vez em quando, né, com os tios e primos de lá. Agora, da parte do meu pai, ele tinha dois irmãos, só que a diferença de idade deles era muito grande. Ele e o irmão mais próximo tinham 10 anos de diferença e com a outra irmã dele tinha 20 anos de diferença. E ele quando veio pra S.P. com a família, os irmãos ficaram no interior. Então a gente tinha um... era muito raro a gente se encontrar, eu vim a conhecer a minha tia, como eu vim bebê ainda pra S.P., eu vim conhecer a minha tia quando eu tinha 10 anos mais ou menos. Ela veio em casa e tal, né. Então eu quase não tive um

---

<sup>71</sup> entrevistada 1

relacionamento muito próximo com meus tios, inclusive porque meus primos tinham idade, mais ou menos, da minha mãe. Então pra mim eles não eram primos, eles eram os tios, né, quando de vez em quando encontrava assim. Então eu não tive relacionamento quase com os meus primos. Agora, eu tenho um relacionamento muito bom com os meus irmãos. Nós somos em sete irmãos, estamos quase sempre juntos, né, até hoje a gente tem um relacionamento muito bom.<sup>73</sup>

***E hoje, como é que é o relacionamento entre os seus filhos e os primos em relação ao relacionamento de vocês com seus irmãos, cunhados? Como é que é isso? Se eles convivem mais com os parentes do que vocês ou não? Vocês acham que mudou alguma coisa, não mudou...?***

No meu caso não mudou. Eu tenho meus irmãos tudo perto de mim, sempre morou junto ou perto dos meus pais enquanto eles estavam vivos também... e... eu tenho sobrinhos que tem, inclusive, quase que a minha idade, como eu tenho assim irmão bem mais velho, eu tenho sobrinhos... ah... com diferença de idade comigo com 8 anos e meio, 10 anos. Então são tudo quase que irmãos, e eles continuam assim... convivendo com os meus filhos como se fossem filhos deles, vamos dizer. Então o relacionamento é muito bom, eu até incentivo muito isso porque eu acho que... eu como não tive essa convivência com os meus primos, eu acho que é... muito importante essa convivência de primos, de família, e eu incentivo isso muito pros meus filhos. Eu acho que é gostoso isso...<sup>74</sup>

***Como é que o senhor se dava com os seus irmãos?***

É, no meu caso, eu acho que entre os irmãos também sempre viveu e se vive bem, só que infelizmente nós não estamos perto. É... cada um [risos] está mais longe um do outro, quer dizer, não tem como viver entre irmão, juntos. Moram muito longe, né... meus irmãos estão muito longe... estão um longe do outro, agora, também tem minha irmã que está perto, sem problemas, e nós estamos sempre juntos. Os filhos mesma coisa. Os filhos dos meus irmãos estão longe daqui, agora, os primos deles aqui sempre estão junto, vivem perfeito, sem problemas, a união é perfeita.

***E vocês veem alguma diferença entre esse convívio entre as famílias... entre as famílias que são descendentes de japoneses... tem alguma diferença no convívio interfamiliar, entre parentes entre pessoas que não são japoneses?***

Existe.

***E o que é que tem de diferente?***

Ah existe. A gente ouve, né, certo?... que não se dão bem, isso a gente ouve muito, né.

***O senhor acha que entre os descendentes de japoneses tem menos dessas atitudes?***

É... eu não diria que tem menos problemas porque... eu continuo dizendo... assim... a famílias japonesas elas são mais unidas, na minha opinião, eles procuram aproximar mais, até falam que japonês é muito festeiro, sempre estão lá reunindo aquela turma... um exemplo, um parente vai para o Japão, vai uma pessoa só, mas atrás dele vai cinquenta pessoas [risos] lá no aeroporto despedir da pessoa. Eu acho que isso é muito bonito. Continua tendo isso... agora, entre outro tipo de pessoal, a gente vê que tem pessoas que... eles não tem aquela união, aquela coisa bonita de reunir família. É difícil... isso a gente ouve muito. Eu acho que na família japonesa existe essa união que lá fora a gente vê que não existe.

***Mas também está mudando isso...***

Não, isso também está, são coisas que estão mudando...

***Em que sentido?***

Eu acho que... não sei também... pela convivência, eu acho que está mudando essa tradição de ver a família unida, de estar sempre junto. Porque... os costumes também estão mudando, também estão se ocidentalizando, né. Então... é... é natural, eu acho. É natural porque, como eu te disse, a gente vive num país... né... Brasil, nós não

---

<sup>72</sup> entrevistado 8

<sup>73</sup> entrevistada 3

<sup>74</sup> entrevistado 2

estamos aqui no Japão nem nada, então a gente tem que conviver com isso e acaba... eu acho que com toda essa mistura também, de casamento entre brasileiros e descendentes de japoneses, e acabam os costumes também se misturando. Então eu acho que tudo está mudando. Inclusive no Japão tem mudado, né... os costumes.<sup>75</sup>

Era comum os mais velhos se reunirem, trocaram idéias, pedir conselhos. E mesmo essa coisa de clã. Acho que os que não eram japoneses, as suas famílias, elas, aparentemente, pareciam mais unidas. Mas eu acho que, principalmente na hora do aperto, os japoneses eram mais unidos, mais solidários...

***E essa ajuda, envolvia também dinheiro?***

Acho que era mais uma coisa de conselho. Mas o meu pai, eu me lembro, ele inclusive chegou a emprestar dinheiro. E, se fosse necessário, não era só parente, não. Não precisava ser muito íntimo, não.

***E na geração do senhor? Isso continuou?***

Não, não. Com certeza que não, porque cada um foi indo por um lado, se casando. Isso era uma coisa mesmo dos mais velhos.<sup>76</sup>

Quando eu era criança, eu morei alguns anos na casa de primos para estudar. A minha família morava ainda na roça e lá não tinha escola, sabe? Sempre havia esse tipo de ajuda... os parentes se ajudavam muito. Às vezes, em tempo de colheita, o meu pai mandava umas coisas para dividir com vários tios, tias... era saco de feijão, essas coisas.

***E hoje, esse tipo de coisa ainda acontece?***

Acho que de uma certa forma sim. [Pausa] Inclusive, uma dessas minhas primas foi trabalhar no Japão, como dekaségui, sabe? Ela ia deixar os dois filhos no Brasil, com a minha tia e eu convidei os dois para se mudarem para casa. Achei que ia ser melhor para eles estudarem... minha tia já é velha...<sup>77</sup>

Eu tenho um irmão que está trabalhando no Japão, como operário. Ele manda dinheiro para a mulher dele, que ficou no Brasil. Agora ela está pensando em ir também, a criançada já está grande... Talvez ela vá mesmo... Ele pensa em voltar e montarmos um negócio juntos. Parte do dinheiro [que o irmão envia do Japão para o Brasil] sou eu quem ajuda a administrar, fui eu quem ajudou a ver uma casa para comprar... a cuidar da papelada, né?<sup>78</sup>

Quando a gente [a entrevistada e o marido] foi para o Japão, deixamos a casa fechada. Quem cuidou das coisas para nós foi uma conhecida nossa [também descendente]. Antes de irmos, a gente conversava com ela e tudo, mas ela não era muito 'chegada' [próxima da família]. Depois que a gente foi ela cuidou de tudo muito bem... com se fosse da família. Inclusive foi ela quem vendeu a casa... ela fez todo negócio, cuidou de imobiliária, do contrato, tudo.

***E as coisas da casa, para onde foram? Vocês venderam?***

Parte foi vendida, mas não foi tudo, não. O que sobrou foi para casa de minha irmã. Meu cunhado construiu mais um quarto na casa deles, a gente emprestou um tanto para ajudar, e as coisas ficaram guardadas lá.

***O seu cunhado construiu mais um quarto só para guardar as coisas da senhora?***

É, foi.

***Antes da senhora ir trabalhar no Japão, havia esse tipo de ajuda, assim...***

Entre a família?

É.

Tinha. Todos os meus irmãos sempre se ajudaram.

---

<sup>75</sup> entrevistado 2

<sup>76</sup> entrevistado 8

<sup>77</sup> entrevistada 14, 49 anos, é nissei (e seu marido também). É administradora de empresas.

<sup>78</sup> entrevistado 10, 56 anos, nissei, divorciado, aposentado. Foi comerciante.

### ***E como é que seria essa ajuda?***

Ah, a gente conversava, às vezes, quando um precisava, os outros emprestavam dinheiro, essas coisas...<sup>79</sup>

## • **Relacionamento Intergeracional**

### ***Como o senhor classificaria as relações dos filhos com os pais?***

Acho, assim, que era muito rígida. Não tinha tanta liberdade como comparando com outras famílias, assim, não nipônicas. Então, a gente sentiu muito na época, assim, quando você ia para a casa de um amigo. Eles [a família dos amigos não descendentes] se abraçavam, tudo, e nós não tinha aquele respeito todo.<sup>80</sup>

### ***Então, a relação entre a sua família, do senhor com os seus pais, era boa?***

Era ótima. Principalmente pelo exemplo, certo? Meu pai era uma pessoa extremamente observadora, que só criticaria após a observação da repetição dos meus erros. E isso me deu muita consciência.

***E o senhor acredita que, em algum momento, houve conflito entre gerações, pelo fato de seu pais estarem realizando um trabalho braçal, serem de origem humilde, e vocês [os filhos] estarem entrando em contato com um novo mundo, de mais instrução e conhecimento?***

Não, não. Eu me sentia muito orgulhoso dos meus pais. Eles criaram, dentro de mim e de meus irmãos, uma estabilidade emocional de muito amor e carinho, de dedicação por parte deles, certo? De sacrifício... então, eu acho que, se não fossem eles, mesmo que outros fatores tenham contribuído, nós não teríamos atingido o nível que atingimos.<sup>81</sup>

Acho que meus pais são bem liberais, bastante.

### ***Mais do que você acha que deveriam ser ou não?***

Tá no ponto. É, às vezes você compara a atitude de seus pais com a atitude dos pais dos seus amigos e você vê que seus pais são diferentes... Realmente, estão te deixando fazer uma coisa que a maioria dos outros não deixaria.

### ***Por que eles agem dessa forma?***

Ah, não sei. Talvez porque eles achem que eu tenha que ser responsável pelas coisas que vou fazer.

### ***Neste ponto a sua família difere das outras que são também descendentes de japoneses?***

Eu não sei. Varia muito de família para família. Tem família que, justamente pelo fato de ser tradicional, acha que cada um tem que tocar a sua vida pra frente do jeito que bem entender. e, tem outras que, por ser tradicional também, mantém lá o filho trancafiado em casa e... fica por isso mesmo.<sup>82</sup>

Eu acho que é questão de dedicação também. Ah... a gente tem que... é o que eu sempre falo pros meus filhos também, né, eles tem que separar agora. Cada coisa tem a sua hora. Se você tem que estudar, tem que ter a hora de estudar, tem a hora que precisa trabalhar, para tudo você tem que ter uma certa disciplina.<sup>83</sup>

---

<sup>79</sup> entrevistada 13, 48 anos, nissei, divorciada. Recém chegada do Japão, onde trabalhou como dekassegui, durante três anos.

<sup>80</sup> entrevistado 8

<sup>81</sup> entrevistado 9

<sup>82</sup> entrevistada 1

<sup>83</sup> entrevistada 11

Bom, eu acho assim, na minha época, não havia muita comunicação, na minha casa não havia televisão... então, o que eu aprendi veio da estrutura familiar. É o que eu aprendi foi: trabalhar e estudar, senão... não venceria.

***Mas, isso era algo... era uma coisa colocada abertamente ou não, era sugerida...?***

Não, não. Era o exemplo. Era mais o exemplo do que falado. Era o que eu via dos meus pais. Então, eu os via trabalhando, e, é claro que eu pegava isso. Por isso que hoje eu digo: fale menos e faça mais.

***E quanto à escola? Havia uma preocupação especial...***

Bem, meu pai tinha um respeito absoluto pela idéia dos ciclos. Na medida em que a gente ia crescendo, vamos colocar assim, em intervalos de sete a sete anos, acho que havia um modo diferente de encarar a educação. Cos sete aos quatorze anos, dos quatorze aos vinte e um... porque a função deles era preparar os filhos para se tornarem independentes. E, para isso, eles ensinavam a gente que tinha que estudar. Dos zero aos sete, eles eram mais rigorosos.<sup>84</sup>

***Mas o senhor notava alguma diferença [entre famílias de descendentes de japoneses e de não descendentes] no tipo de educação, na convivência familiar?***

Ah, tinha algumas diferenças, sim. Por um lado, eles pareciam não ter aquela mesma filosofia oriental, vamos dizer assim, aquela idéia de dedicação, disciplinas aos estudos, assim como a gente. Era menor sim. Mas, por outro lado, acho que eles... as famílias deles... eles conversavam mais, tinham um carinho paterno, materno, mais explícito... eles demonstravam mais, entende? Não que os nossos pais não fossem carinhosos, eles só não mostravam isso muito diretamente.<sup>85</sup>

***Que outros aspectos, fora a educação, que a senhora vê diferente hoje, do que acontece com os seus filhos e da situação que a senhora ou o seu marido passou?***

O que é diferente... eu acho que tudo está diferente. Porque nós fomos criados assim, livres, mais soltos, a gente podia brincar na rua, a gente podia... quer dizer, a gente não tinha quase brinquedo, então a gente criava os brinquedos que a gente queria. A gente pegava qualquer coisa... latinha, bobina de retrós de linha, qualquer coisa a gente fazia daquilo um brinquedo. E brincava muito na rua, coisa que hoje em dia a gente não tem condições de deixar eles fazerem, porque com todos esses problemas de criminalidade, não tem condições de deixar eles lá fora. E hoje, o que eles brincam muito é com vídeo-game, coisa que no nosso tempo a gente nem sonhava com isso, né... Então eu acho que mudou muito, o mundo também mudou. Então... a gente procura... a gente diz... tem muita gente que diz que a gente era mais criativo, porque a gente inventava os brinquedos, só que eu acho que tudo mudou, então... o mundo também evoluiu. Hoje em dia você não vai ficar cozinhando num fogão à lenha, você vai cozinhar num fogão elétrico, sei lá, à gas. Então também... a... a brincadeira das crianças também mudou. Então a gente tem que aceitar isso, que as posturas da vida deles também mudou em relação a nossa...<sup>86</sup>

***Com relação à vida, assim, o que a senhora vê de mais significativo de mudança?***

O que eu vejo? Eu não sei te dizer ao certo... qual a diferença. É que a gente tinha que... teve que batalhar muito pra chegar aonde nós estamos, né. Então a educação que a gente teve, os pais da gente não tinham condições de incentivar a gente a... grandes coisas. Para eles, se a gente estivesse comendo, podendo estudar, já estava ótimo. A gente... nós, a gente já procura pros filhos... a gente sonha mais alto, vamos dizer, que a vida deles seja muito melhor do que a nossa, que eles se realizem... na profissão, no estudo, na vida pessoal... acho que na verdade é o que todos os pais querem, mesmo os nossos pais queriam isso pra gente, só que a perspectiva de vida deles era... os

---

<sup>84</sup> entrevistado 9

<sup>85</sup> entrevistado 12

<sup>86</sup> entrevistada 3

meus pais, por exemplo, quando eu nasci, eles já tinham assim uma certa idade, quer dizer, eles são de uma geração bem antiga, né. Hoje, se eles estivessem vivos, o meu pai estaria com 90 e tantos anos. Quer dizer, então... são pensamentos diferentes. Então a gente também teve aquela educação... vamos dizer... mais soita, né... vamos dizer, ao Deus dará. Agora, os filhos da gente, a gente tem procurado encaminhar, ajudar incentivando e tudo... eles... o mais velho, por exemplo, está com 20 anos mas não trabalha, só estuda, né. Então a gente tem procurado facilitar a vida deles. Coisa que nós não tivemos, e justamente eu não sei se isso é bom ou se é ruim, entendeu. Mas é... é coisa da geração, vamos dizer. [risos]

***Então, esse negócio de... essa história de ser bom ou ruim e de ter essa perspectiva melhor agora. Qual seriam as consequências disso... para a geração mais nova? O lado bom é...***

Eu acho que o lado bom é que eles vão ter mais facilidade, vamos dizer, mas eu não sei se... em certo ponto... é bom, porque eu não sei se ele vai dar o valor devido à coisa por ele ter conseguido mais fácil. Essa é minha dúvida. Será que ele vai conseguir dar valor... real da coisa por ele ter conseguido fácil? Porque nós damos valor a muita coisa que a gente tem, porque nós lutamos muito por isso, para ter tudo o que a gente tem hoje. Agora, será que ele vai dar esse valor? [pausa] É o que eu penso. Será que não é facilidade demais? Apesar que a gente tem procurado orientar, eu não dou muita moleza não, eu procuro orientar para que aprendam a dar valor nas coisas. Mas eu não sei se entre o falar e o fazer... tá condizendo, eu não sei ainda.<sup>87</sup>

Do nosso tempo mudou muito, quer dizer, hoje... hoje já... podemos citar por exemplo, hoje nós falamos abertamente numa segurança devido à certos... por exemplo AIDS, hoje nós somos obrigados a falar em sexo perante a criançada, na juventude, para que o pior não venha a acontecer. No nosso tempo, falar nisso daí era um absurdo o pai vir e falar em sexo com o filho.<sup>88</sup>

***Agora, será que tinha diferença entre a sua família e a família dos seus colegas que não eram japoneses naquela época? Será que eles tinham esse mesmo problema assim, ou não? Como é que...é... encarava esse tipo de coisa? Será que tinha mais abertura, menos abertura, a mesma abertura da sua família?***

Eu acho que japonês era mais conservador, sempre foi, mais rígido.

***E hoje, será que ainda tem essa diferença?***

Hoje acho que a coisa já é mais liberal

***Tem alguma diferença entre os que são japoneses e os que não são japoneses nesse sentido?***

Não, não vejo porque eu acho que tanto japonês quanto outra descendência... a nossa.... função de pai, hoje, tem que ser muito orientadora para que não venha a acontecer surpresas no meio do caminho. Mesmo assim eu ainda acho que hoje existe certos pais que tem certo... ah... como fala... receio de transmitir isso pros filhos. Acham um absurdo falar em sexo, falar em camisinha ou falar nisso com os filhos.

***Isso o senhor está falando de maneira geral ou de descendentes de japoneses?***

Não, de maneira geral

***De maneira geral...***

Hoje eu acho que tem que ser geral. Antes... antes... prevenir do que ter surpresas, né... porque hoje tem doenças que não existia anos atrás, também ninguém se falava. Hoje já nós temos provas de que é...<sup>89</sup>

Lá no Japão, o japonês chega... o filho faz 18 anos, praticamente o pai obriga os filhos a se virarem, né, trabalhar para sobreviver.

---

<sup>87</sup> entrevistada 3

<sup>88</sup> entrevistado 15, 37 anos, é sansei (sua esposa não é descendente de orientais). É engenheiro mecânico.

<sup>89</sup> entrevistado 15

**Não contar mais com a família...**

É, muitas vezes é. Enquanto que aqui no Brasil, o filho fica com a família até onde der. Até casar por exemplo, ele continua dentro de casa. Enquanto que no Japão o filho de 18 anos muitas vezes já sai de casa para se virar, pra sobreviver. O rapaz que trabalha comigo de 19 anos, ele tem mais um irmão, só que ele resolveu que vai estudar, praticar a cozinha para fazer exame e tudo, né. Então, praticamente o quartinho que era dele, o irmão mais velho ficou lá, foi desativado. Então o pai dele fala pra ele que se um dia ele quiser voltar não tem lugar para ficar. Como saiu, daí...

**Mas qual que é a vantagem do japonês de fazer isso em relação a brasileiro?**

Não é vantagem, é... "se vire! Eu já criei você até essa idade agora você é que se vire". Então tem um monte de moçaiada lá que mora sozinho lá, apesar de ser novo e tudo, as vezes nem estuda mais, mas só para trabalhar e para a sobrevivência dele. Este que trabalha comigo, ele manda 30.000 para casa dele quando ele não tinha que mandar nada. Ele não come, não dorme na casa, né. E nem vai lá na casa dele porque não tem mais nem quarto para ele. No entanto ele manda 30.000 [ienes] pra mãe dele lá. Se fosse o mais velho é que teria que pagar. Ele dá porque quer porque ele não tem obrigação nenhuma porque... [pausa]

**Mas você acha que é vantagem fazer assim?**

Não, mas então, o pensamento do japonês de lá é diferente do pensamento do japonês daqui.

**Mas qual que você acha que é melhor?**

Eu não sei. Só falo para eles que o costume dos brasileiros, dos japoneses daqui, não é assim não.

**Mas por que eles fazer assim, será? Será que é porque eles sabem que dá pro filho se virar sozinho?**

Acho que é, né. Igual o chefe lá, ele falou assim que agora que fizer 18 anos diz que vai tocar as crianças de casa. "Vai, se vira que o mundo é seu" - diz que vai fazer assim. E o rapaz tem 26 anos agora. Os filhos estão com 6, 7 anos. A hora que fizer 18 anos vai mandar eles se virarem. Você acha? Ainda ele fala assim..., porque ele já casou com a mulher, disquitou e casou com ela outra vez, né - ele fala assim: "ai, não aguento mais essa mulher, não sei o que"... fala um monte de coisa. A hora que fizer 18 anos diz que ele separa para não ter que pagar pensão para as crianças [risos]

**Nossa! [risos]**

Você vê que idéia que tem esses caras!

**E aqui essa idéia de sustentar o filho até mais tarde? O que você acha?**

É que é outra cabeça, né. Tem um cara que eu conversei lá. Tem filho que tá com 25 anos, vai se formar em medicina, mas ele acha que tem a obrigação de sustentar, ajudar o filho a custear todos os estudos. Tem outro que está na FATEC também e ele manda todos os meses...

**Mas quando ele faz isso, no que é que você acha que ele pensa?**

Ele achava que tem a obrigação de pai de...

**Mas porque obrigação?**

Ora, porque?

**Será que pensa mais tarde, como é que vai ser?**

Sei lá o que eles pensam, mas acham que é obrigação de todo pai dar instrução para o filho... [pausa] Pois é, lá no Japão eles fazem isso, soltam o filho na vida e boa. Mas eles sabem que depois que eles ficarem velhos eles não vão precisar contar com a ajuda de filho para se virar.<sup>90</sup>

Por isso que tem muito velho, velha [japoneses] lá onde eu trabalhava [no Japão] se virando até ficar doente.

**Ah, tá...**

Para não ficar na dependência dos filhos. A hora que a velhinha já tá lá capengando, daí é que o filho resolve: "vem pra cá" - e agora tem velha japonesa que é orgulhosa. Não quer ficar na dependência dos filhos, né. Então elas ficam lá batalhando, batalhando até que não tem mais jeito e a doença pega elas ou fica fraquinha e qualquer coisa assim

### ***É o negócio da pessoa ser autônoma assim dos outros?***

É, não quer ser dependente do filho, e outra, japonês tem dessa de, assim...[pausa] você [a entrevistada quis dizer "ela", "uma pessoa japonesa"] termina o seu serviço, mas eu não terminei ainda, mas ela [uma pessoa japonesa] não vem me ajudar para depois... eu [colocando-se no lugar de uma outra japonesa] também não quero que ela venha me ajudar para depois não ficar devendo favor pra ela. Por isso que japonês lá não ajuda o outro japonês. O brasileiro [dekassegul] não, quando termina já vai inventar de ajudar o outro para todo mundo acabar junto, né. O japonês não, eles tem essa mania de não dever favor pro outro.<sup>91</sup>

#### **• Irmãos**

Eu tenho 45 anos, nasci no interior de São Paulo, só que vim ainda bebê pra São Paulo, eh... justamente por eu ter uma família grande, meu irmão mais velho tem vinte anos a mais do que eu, então eles achavam que pro futuro, meus irmãos deveriam vir pra S.P. que já tinha muitos cursos pra estudo e pesquisa, pra ter uma vida melhor, porque meus pais já vieram do Japão com a ilusão de que aqui eles poderiam ter uma vida eh... quer dizer, na verdade eles achavam que aqui tinha algo de investimento, né... e foi essa ilusão que trouxe muito japonês pra cá. Ah, eles tinham bastante idade e já eu quando nasci, eles já estavam na faixa dos 40, 50 anos. Então eles [os pais] achavam que eles não iam ter uma vida muito longa, então a gente [os filhos] teria que vir procurar uma vida melhor pros [irmãos] menores que eles [os irmãos mais velhos]... [os pais] achavam que não iam poder criar todos. Nós somos em sete irmãos, éramos em oito mas... somos em sete irmãos. Então na verdade, os [irmãos] mais velhos foram sacrificados. Não tiveram quase estudo, ah... mas com o sacrifício deles nós viemos pra S.P. e aqui e... os quatro mais novos, ou melhor os cinco estudaram, sendo que dois fizeram até curso colegial [ruído]... e três de nós fizemos faculdade. Eu não cheguei a completar a faculdade, porque casei e fui pro exterior e tal...<sup>92</sup>

### ***E os seus irmãos? Os irmãos mais velhos? Eles começaram a trabalhar com que idade?***

Meu irmão mais velho deve ter começado com uns 14. Bom, ele já trabalhava na lavoura né, quando pequeno. Aí depois que veio pra cá ele começou a trabalhar no CEASA, no mercado municipal, depois foi pra CEASA, e até hoje ele continua trabalhando no mesmo ramo. Ah... a minha irmã mais velha era costureira, agora também está no Japão [esta irmã não é dekassegul, ela reside no Japão porque casou com um japonês].<sup>93</sup>

### ***O senhor era o filho mais velho?***

Era.

### ***E nessa posição, o senhor exercia algum tipo de liderança, possuía algum tipo de privilégio...***

Ah, isso acontecia sim. Acho que eu até esqueci de falar antes... por ser o mais velho, a minha voz falava um pouco mais alto, sim. Então, se o meu pai não estava em casa, eu assumia o comando das coisas, sim. E meus irmãos, até que eles me respeitavam bastante.<sup>94</sup>

Normalmente, a tradição deles [dos japoneses] era assim; e, geralmente, a gente nota que, na nossa época, os filhos mais velhos não tinham estudo.

---

<sup>90</sup> entrevistada 13

<sup>91</sup> entrevistada 13

<sup>92</sup> entrevistada 3

<sup>93</sup> entrevistada 11

<sup>94</sup> entrevistado 12

***E se caso esse filho mais velho resolvesse não acatar essa decisão? Era uma coisa rígida?***

Tentavam inculcar isso. Mas sempre tem aqueles que fogem um pouco disso. Mas a maioria, creio, se sacrificou, para que os irmãos mais jovens pudessem melhorar de vida.<sup>95</sup>

***E a família do senhor? O senhor tem quantos irmãos?***

Cinco irmãos.

***E, o senhor é o filho mais velho?***

Não, eu sou o segundo filho, e o mais velho hoje vive fora do país, é administrador de empresas, e eu tenho formação de engenheiro químico, hoje eu tenho uma empresa de representações, agora a minha vida no passado... eu também sou do interior, eu também vim pra S.P. pra tentar uma vida melhor, ah...

***Mas não veio... veio a família inteira pra S.P.?***

Não, uma época... ah... eu fui o segundo a vir pra S.P., a família ficou tudo no interior...<sup>96</sup>

Ah... nós viemos de uma cidade do interior de S.P.. Nesse tempo a minha mãe passou então a trabalhar de costureira pra sustentar os filhos, o irmão mais velho já trabalhava em... tipo escritório, e eu trabalhava numa indústria mecânica.

***E com quantos anos vocês começaram a trabalhar?***

Meu irmão mais velho começou a trabalhar com 12 anos numa quitanda de verduras, essas coisas, e eu comecei trabalhar somente aos 16 anos numa oficina mecânica exercendo a profissão de torneiro mecânico.

***E como é que ficaram os estudos quando vocês começaram a trabalhar?***

Eu, por exemplo, após 4 anos de formação, eh... tive a formação ginásial, na época vim pra S.P. pra continuar os estudos. Minha mãe, a profissão dela teve de dar o dinheiro pra eu chegar em S.P. e sustentar os primeiros meses e começar a arrumar um emprego pra começar logo o trabalho. E... o meu irmão mais velho continuou com a família lá no interior com os meus outros irmãos e a minha mãe continuou trabalhando porque o dinheiro era pouco e ela era viúva...

***E estudava também?***

É, o meu irmão [mais velho] parou de estudar após a formação dele também numa escola de técnica em eletrônica, porém não exerceu a função e continuou trabalhando lá no escritório... E eu fui pra S.P. pra continuar os estudos, eu estudava o curso de técnico em química e a noite eu estudava o curso. E durante o dia eu continuei exercendo a profissão de torneiro dentro da empresa...<sup>97</sup>

***Entre os irmãos, havia algum tipo de ajuda?***

Tinha, tinha sim. E até o meu irmão mais novo, um dia ele me disse: agora deixa que eu faço o seu trabalho e vai estudar [na faculdade]. E eu, depois, também ajudei os meus irmãos, na medida do possível. Minha irmã, que começou a ganhar primeiro, passava dinheiro para o meu pai, e o meu pai depois ajudava a gente, também na faculdade. Era uma família bastante unida.<sup>98</sup>

***Todos os seus irmãos trabalharam e estudaram?***

---

<sup>95</sup> entrevistado 8

<sup>96</sup> entrevistado 2

<sup>97</sup> entrevistado 2

<sup>98</sup> entrevistado 9

É... foi assim: o irmão mais velho continuou os estudos em S.P., mas ele veio depois pra continuar os estudos porque não tínhamos condição de sustentar todo mundo aqui e deixar a família no interior, né... e depois todos estudaram menos uma que não continuou o estudo.

***São três irmãos e duas irmãs?***

Sim, três irmãos e duas irmãs, certo... e... é que mais que eu ia dizer... que...

***Se todos trabalhavam?***

É, todos trabalharam inclusive a irmã caçula se formou em professora...

***E enquanto ela estudava ela trabalhava também?***

Não.

***E porque que ela não trabalhava enquanto...***

É porque dava pra manter as necessidades sem ter que trabalhar, né... porque ela vivia com a mãe.

***No final ficaram dois irmãos no interior e três em S.P.?***

Isso. Houve uma época em que ficamos em três aqui. Mas logo em seguida já vieram todos pra cá. Hoje são todos casados...<sup>99</sup>

• **Namoro, casamento**

***E quando a senhora casou?***

Com 23 anos e meio.

***E como foi essa fase de escolha... do casamento? Ser descendente de japonês ou não, tinha diferença pra sua família?***

Não, a minha família... meu pai por exemplo, ele era... vamos dizer... ele preferiria que todos nós casássemos com descendente de japonês. A minha mãe sempre deu liberdade, ela sempre disse que a dificuldade dela de se entender com pessoas de outra raça, seria diferente, quer dizer, difícil, mas se fosse do nosso gosto, não teria problema nenhum. Nós sempre tivemos essa liberdade, mas... eu tive relacionamento tanto com brasileiros quanto com descendentes de japonês desde criança. Estudei em escola japonesa, estudei na escola normal que tinha tanto brasileiros como também descendentes de japoneses. Cheguei a namorar também brasileiros, mas... não sei lá porque que acabei casando com descendente de japonês também. Mas não porque eu tivesse predileção nem nada.<sup>100</sup>

***O pessoal da família preferiria que fosse japonês ou não?***

É, sempre havia a tendência da mãe... no caso que os filhos casassem com descendentes de japonês, mas o que eu posso dizer é que no fim...[pausa]

***E por quê? Ela apresentava alguma razão assim? Porque só japonês?***

O que eu imagino é [ruído] falou, é que o relacionamento, que na época ainda a mentalidade dos japoneses, descendente de japoneses teria sempre essa tendência de que os filhos casassem com descendentes de japonês. A maior parte tinha esse jeito, né... de querer a união de japonês com japonês, que na época não havia ainda muita mistura dessas coisas, né, de raça.

***Mas qual seria assim... ela se explica por si mesmo então, não se casavam com pessoas de fora?...***

Não, o que eu acredito é... o maior problema que eles deveriam ter seria o relacionamento depois entre...

***Depois de casado?***

Depois de casado. Isso seria um dos fatos.

***Quais seriam as diferenças?***

---

<sup>99</sup> entrevistado 2

<sup>100</sup> entrevistado 3

Primeiro de conversação, em muitos casos o que acontece é isso. Outros são o... os costumes, os costumes que teria ela, e se ela fosse na casa de outra pessoa que não fosse da... de descendência japonesa. Os costumes, o hábito muda.<sup>101</sup>

***E quanto ao casamento? Havia algum tipo de pressão, ou sugestão, para que o senhor procurasse se casar com uma descendente de japoneses?***

Eu sempre assim, com raras exceções, sempre gostei mais de japonesas. Mas, de repente, eu tive uma sensação de eu deveria casar com uma brasileira. E olha que eu ouvia casos de pessoas que se suicidavam por causa da oposição da família quanto ao casamento com brasileiros, brasileiras. E, no princípio, minha mãe, não o meu pai, ela não queria. Se bem que, hoje, é Deus no céu e minha esposa na Terra.<sup>102</sup>

***E quanto à essa parte de namoro, o senhor acha que mudou muita coisa da geração do senhor para a geração dos seus filhos?***

É, eu... no meu caso realmente eu acho que mudou muito. Porque nós sempre tivemos que trabalhar e estudar. Nós não tínhamos disponível, tempo pra ficar namorando a hora que quer como é... toda hora. Então, nós tínhamos um tempo muito mais apertado do que as nossas crianças, que aliás eles hoje, levam uma vida muito mais tranquila do que nós levamos. Quer dizer, pra eles é tudo mais fácil. Agora,... é... a liberdade hoje também é outra que pode se observar. A própria televisão é hoje muito mais liberal do que no nosso tempo. No nosso tempo... programa de certo porte já não...<sup>103</sup>

(final da fita)

***E como é que vocês [marido e esposa] se conheceram? Onde vocês se conheceram?***<sup>104</sup>

Nós nos conhecemos dentro de uma mesma empresa em que nós trabalhamos, né. Eu atuava num determinado setor e ela num outro setor de vendas. E por acaso conversamos e nos conhecemos, né... [risos]<sup>105</sup>  
Inclusive frequentamos a mesma faculdade, né, ele no final já tinha me conhecido

É, exatamente. Isso porque acabamos nos conhecendo mais ainda porque nós... acabamos... é... frequentando essa mesma escola, inclusive eu ia junto... na época você acho que estava fazendo até o terceiro, né?<sup>106</sup>

***E quanto a parte de namoro, casamento, né... que nem vocês estavam falando que... uma coisa que poderia justificar o fato de que os descendentes de japoneses escolhem... pessoas que tivessem a mesma ascendência, tal... seja o fato de facilitar as coisas, né, de conversa, convívio entre as famílias e tal. E hoje, será que tem essa necessidade? Será que facilita no caso dos filhos? Será que isso aí teria alguma diferença ou não, o fato dos filhos assim namorarem ou não descendentes de japoneses?***

Eu acho que hoje, na minha opinião, já está bastante mesclado já. Tanto é que o próprio filho de japonês não sabe falar um "A" em japonês, quer dizer, ele próprio vai sentir uma dificuldade em penetrar dentro da cultura japonesa. Então é... existia, por exemplo, certos avós que não vai entender o neto quando ele vier conversar ou falar com eles,

---

<sup>101</sup> entrevistado 15

<sup>102</sup> entrevistado 9

<sup>103</sup> entrevistado 2

<sup>104</sup> Este e o próximo trecho foram colhidos em entrevista conjunta com o entrevistado 2 e a sua esposa.

<sup>105</sup> entrevistada 3

<sup>106</sup> entrevistado 2

então isso é uma situação muito difícil. Mas parece... dá a impressão que a tendência é cada vez mais é... estar quebrando essa parede que existia. Eu sinto isso daí.<sup>107</sup>

***Isso é bom ou ruim será? Ou não é nem bom e nem ruim?***

É, eu gostaria que... os meus soubessem japonês, não é só por causa de ser japonês [risos] mas eu acho que deveria, pelo menos, saber alguma coisa. Não é só eu gostar, eu acho que para a própria criança seria uma coisa a mais que ele teria pela vida pela frente, né. Não diria que é ruim ou é mal.<sup>108</sup>

No que diz respeito à questão de casar, namorar, né... com brasileiro ou não. Eu acho que nós que estamos aqui, na verdade, nós é que somos os “gaijins” [estrangeiros] aqui, né... nós estamos dentro de um país que é brasileiro, nós é que estamos é... vamos dizer... somos intrusos aqui. Então eu acho normal... acho que seria normal nossos filhos casarem com brasileiros ou não. A gente pode até ter a preferência de que seja descendente de japonês ou não, mas eu acho que o mais natural seria eles se misturarem.<sup>109</sup>

***E qual seria...***

Eu não acho que seria nem bom nem ruim, entende? Eu acho que cada um tem que viver bem entre eles. Porque o casamento é uma coisa... é bem difícil, eu acho que porque cada um vem de... por mais que você seja descendente de japonês ou os dois, cada um foi criado de um jeito, cada um tem seus costumes, então você... e quando é criança... você... pegar duas crianças, vamos dizer, e criar junto, não há tanta dificuldade. Agora, se você tem uma carga de costumes até os 20 e tantos, 30 anos, vamos dizer, quer dizer, um foi criado diferente do outro. Pra casar é difícil. Então eu acho que eles tem que se dar bem, seja brasileiro, seja o que for. Não é importante o fato de um ser brasileiro e o outro ser descendente de japonês ou não, porque no fim... eu acho que o importante é que os dois se entendam.<sup>110</sup>

***Você, ao namorar um descendente de japonês, não está seguindo, dessa forma, a “tradição”?***

Não, acho que não. Porque como eu já falei, para os meus pais, para minha avó, para mim, tanto faz ser japonês ou não. Calhou de ser.

***Será que não existe alguma vantagem em ser desse jeito?***

Não. Até hoje eu já parei para pensar nisso. Não fiz nada diferente do que um casal “não japonês” não fizesse. Nada, nada.<sup>111</sup>

• Pais

Os meus pais... a minha mãe tinha o equivalente ao colegial né, agora o meu pai já teve só o curso de ginásio, mas eh... ela estudou no Japão, meu pai estudou também lá, e vieram novos pra cá, mas não vieram juntos e nem casados. A minha mãe veio conhecer o meu pai aqui no Brasil. Meu pai veio com a família e ela veio sozinha. Mas se casaram e tiveram oito filhos, um morreu bebê ainda né, mas conseguiram criar os sete até a gente vir.

***E eles trabalhavam no que quando eles estavam...***

Eles trabalhavam logo quando criança na lavoura, depois que vieram pra S.P. tiveram vários serviços aqui... Ah... minha mãe costurava, meu pai trabalhava em fábricas, né, trabalhou em fábrica de painéis, quer dizer, várias coisas em trabalhos... eh, como uma mão de obra barata.<sup>112</sup>

---

<sup>107</sup> entrevistado 2

<sup>108</sup> entrevistado 2

<sup>109</sup> entrevistada 3

<sup>110</sup> entrevistado 2

<sup>111</sup> entrevistada 1

<sup>112</sup> entrevistada 3

### ***Qual era a ocupação dos seus pais?***

Meus pais vieram do Japão, viveram de trabalho agrícola, lavoura, eles tiveram tipo um comércio na cidade do interior, e nesse tempo eles mexiam com comércio compra e venda de cereais. E... ainda quando nós eramos criança, houve o falecimento numa dessas viagens, meu pai faleceu num acidente. A partir daí a minha mãe passou a viver junto com os irmãos no mesmo segmento dos cereais, só que passado um período houve a separação dos irmãos...

### ***Eram irmãos do seu pai?***

Eram do pai, parte do pai. Três irmãos que tinham esse negócio mas depois se separaram, e cada um foi pra uma cidade.<sup>113</sup>

## • **Religião**

***E... assim... vocês participavam, quando eram mais jovens, de alguma associação, alguma coisa assim de japoneses, ou não? Por exemplo, escola?***

Eu participei muito na igreja.

### ***Igreja... igreja que... como é que era?***

Igreja cristã, mas era de japonês. Na época ia basicamente todo japonês e filho de japonês. [ruídos] frequentei bastante... Lá eu, vamos dizer assim, tive muitos sonhos dentro da igreja, ... me via, vamos dizer assim, muito ligado.

### ***Muito participativo...***

Sim. Eu e os meus irmão também, né. A família.

### ***E como é que... E quem fez a opção? Os seus pais ou quando você...***

É, os meus pais já participavam.

### ***Ah é? E eles vieram do Japão já...***

Não, começou no Brasil mesmo. Até minha mãe tinha outra... participava de outro...

### ***Outro culto?***

É, outro culto [o budista], ... outra seita que era dos irmãos dela também.<sup>114</sup>

### ***Seus pais participaram de Igreja católica e da igreja budista?***

Não, meus pais eram budistas, mas... nós fomos batizados na igreja católica porque tinha aquela dificuldade de você, na escola, em ter aula de religião que no nosso tempo era obrigatório ter aula de religião, e... como a maioria era católico, a gente não poderia, vamos dizer, frequentar a aula de religião, era discriminado mesmo naquele tempo, que a gente não frequentasse a aula de catecismo. Então, nós fomos batizados por isso. Então a gente tinha... ah... a gente frequentava tanto a igreja católica quanto a igreja budista.

***E... assim... a diferença das pessoas que frequentavam tanto uma quanto outra, tinha diferença, pra senhora? Qual que gostava mais ou menos?***

Não, era indiferente, não que gostasse mais de uma ou de outra. Eu acho que... que eu acho que a religião... toda a religião tem coisa boa como tem coisa ruim, né. Então a gente tem que tirar as coisas boas de cada coisa... é, vamos dizer,... que uma está totalmente errada ou outra está totalmente certa. Todas elas tem o lado bom e o lado ruim. Então a gente tem que aproveitar o lado bom das coisas. É o que eu acho, né. Inclusive não sou... ah... vamos dizer... de frequentar igreja todo o domingo. Eu acho que eu... procuro fazer as coisas certas, não, não...ter que prejudicar as outras pessoas, quando eu erro, eu me arrependo e peço perdão a Deus. Eu acho que não adianta eu

---

<sup>113</sup> entrevistado 2

pedir perdão a um padre que pode fazer coisas pior do que eu, né! [risos]. Então eu acho que religião é assim, eu acho que a gente tem que tirar as coisas boas e deixar as coisas ruins de lado. Então eu frequentei tanto... as duas, e eu acho que tinha coisas boas tanto numa quanto na outra. E eu não acho que seja diferente. Acho que todas elas procuram fazer com que você haja de uma maneira honesta, correta, né, ah... cada uma tem a sua maneira de dizer mas o fim, na verdade, é que você não faça coisa errada.<sup>115</sup>

- **Serviço doméstico**

Eu conheço famílias que não são descendentes de japoneses que não tem empregada, apesar de poder contratar uma, e também conheço famílias que são descendentes e que tem empregada. Acho que aí o que conta mesmo é grana mesmo.. e de achar alguém de confiança. Agora, aquilo do japonês ter vergonha de dar o serviço que seria dele para outra pessoa fazer, acho que hoje em dia não tem mais disso, não.<sup>116</sup>

- **Tradição**

***No dia a dia, o que vocês vêem que ainda existe que esteja ligado diretamente a cultura japonesa, em casa ou no trabalho, na vida de vocês? Coisas mais significativas como: “pô, isso aqui é porque eu sou descendente” - coisa que a gente tem em casa, coisa que a gente faz, coisa que a gente fala...***

[o entrevistado parece estranhar a pergunta]

Eu não sei se tem alguma coisa assim. Porque eu acho que tudo acaba se tornando tão natural que nem dá pra diferenciar o que que é do que não é...<sup>117</sup> [risos]

***Está bom, então.***

(Fim da fita)

Eu, na minha opinião, acho que a nossa família, dentro do modelo japonês, era relativamente tradicional. O irmão mais velho teria de tomar conta dos mais novos e assim por diante... Ensinar a respeitar os pais, não só os pais, como aos mais velhos, pode ser parente ou mesmo amigos.

***Tinha aquela coisa meio patriarcal?***

Mais ou menos.. O pai é o pai, a última palavra era a dele...<sup>118</sup>

Os meus avós eram japoneses, mas já vieram para cá muito criança. E eles foram educados lá na tradição japonesa e tudo mais... tinham que casar só entre japoneses. Mas como eles já tinham vindo crianças aqui para o Brasil, já entravam em contato com a cultura diferente daqui tal... os meus pais já foram criados de uma forma diferente deles. E a minha geração já é bem mais diferente.

***Diferente?***

É, diferente. Diferente pelos aspectos que já falei. Falar o japonês, a hierarquia de família, os costumes, o respeito aos mais velhos...

---

<sup>114</sup> entrevistado 2

<sup>115</sup> entrevistada 3

<sup>116</sup> entrevistada 1

<sup>117</sup> entrevistado 2

<sup>118</sup> entrevistado 8

***Agora, essa parte do respeito, você acha que mudou muito?***

Mudou, mas não só entre as famílias dos japoneses. Todas as famílias mudaram.<sup>119</sup>

***O que você entende por “tradição”?***

Não sei... Acho que é aquela rigidez. Te obrigaram a aprender japonês, a casar com japonês, entende? Não dá para explicar... na convivência, a gente percebe. São coisinha bestas... sei lá.<sup>120</sup>

***Então, por exemplo, esses hábitos, quais seriam esses hábitos?***

Hábito que eu digo é... se ela saber se expressar em japonês na frente de um outro japonês, ela vai ter muito mais liberdade, vai falar de tudo, conversar, entender e muito mais. Se não tem esse conhecimento da língua japonesa a fundo, quer dizer, a pessoa tem esse lado de ficar fechado e não conversar e esse tipo de coisa.

***Certo. E teria alguma outra diferença?***

Eu acho assim, a tradição, porque a nossa geração, eu acho que... nós fomos criados com mais tradição até, vamos dizer, do que os japoneses da geração do *Juano Tatomi*. Nós tivemos uma educação bastante tradicional, com... tradições, vamos dizer, até hoje, vamos dizer, que são antigas, de costumes, de ancestrais mesmo. Então é aquela coisa do homem ser mais importante dentro da casa, né, e... nós inclusive... eu fui criada assim. Na minha casa os homens, vamos dizer, tinham liberdade pra tudo, sabe. Os homens não faziam certo tipo de serviço dentro de casa que era considerado um serviço de mulher, né. Quer dizer, são costumes que já hoje não se pratica, né, mesmo lá no Japão. Essa coisa de homem andar na frente da mulher e tudo, são costumes antigos que nós fomos criados com tudo isso. A nossa geração teve isso tão a fundo, vamos dizer, que eu acho que não era bem visto nós sermos brasileiros, inclusive pelas brasileiras. Ainda tem, hoje em dia, gente assim né, mas os costumes são muito diferentes mesmo, porque a mulher japonesa é mais humilde, ela é mais feliz, vamos dizer, é... ela é...

***Sendo mais submissa?***

Mais submissa. Ela foi criada assim, principalmente na nossa geração, coisas que mudaram hoje, é lógico... meus pais mesmo diziam no tempo que a mulher não precisava estudar. Os homens sim tinham que estudar, tinham que progredir na vida. Agora a mulher não, casou, o marido tinha que se virar

***No entanto, a senhora estudou?***

É, por quê? Porque eu já não pensava assim, então eu fui trabalhar justamente pra isso, porque meus pais não incentivavam que eu estudasse. [pausa] Eles achavam que eu tendo até o curso científico que hoje é considerado colegial, estava suficiente, entendeu? Já era muito bom, né... e... coisas que outras pessoas achavam que a mulher tendo o curso ginásial estava ótimo. Eu já não achava assim, achava que eu tinha que estudar então eu comecei a trabalhar contra a família, a vontade dos meus irmãos, mas fui trabalhar porque eu queria estudar.

***E... então a senhora foi bem [ruído], assim, e como é que eles manifestavam ser contra assim, só falando?***

Não, eles... é... por exemplo, tem um exemplo assim: que eu arrumei um emprego, um ótimo emprego inclusive tá... ãh... ia ser meu primeiro emprego, era um ordenado bom e tal e eu vários..., fiz uma bateria de exame de seleção né, que acho que foram cinco exames, era uma questão de 100 candidatos e que ficou umas 5 ou 6 pessoas só. Consegui passar tal e na hora que eu falei “vou trabalhar”, meu irmão me proibiu. Ele falou assim: “Você não está passando fome, você não está... sem roupa, não precisa nada, pra que você vai trabalhar?” E não deixou eu ir trabalhar. Então...

***Pelo fato de ser mulher?***

Pelo fato de ser mulher. Eles achavam que eu ficando em casa já estava ótimo, fazendo serviço de casa, aprendendo assim já estava ótimo. Mas eu não queria aquilo pra mim. Então eu falei: “não, já que é assim... Aí eu resolvi, fiz o teste no banco, passei tal, comecei a trabalhar, aí no dia que eu comecei a trabalhar meu irmão falou:

---

<sup>119</sup> entrevistada 1

“aonde você foi?”. Aí eu disse que fui trabalhar. Aí ele não falou mais nada! [Risos] Entendeu? Então eu acho que a gente tem que ter vontade também. Pra progredir na vida né? Porque... não é porque você é mulher que você é um ser, vamos dizer, inferior. Agora estão mudando logicamente, vendo a experiência deles e tal, então as meninas mesmo estudam. Mas na minha geração não era assim, eles achavam que mulher não precisava estudar.

***Além deste aspecto da divisão dos papéis do homem e da mulher, o que mais a senhora entenderia por isso que a senhora chama de tradição? Para os descendentes de japoneses o que seria essa tradição?***

Uma das grandes coisas é que você tem que... cultivar, vamos dizer, os mais velhos. Tudo lá é primeiro pro mais velho, uma coisa que eu acho, eu concordo com isso, eles já trabalharam, já sofreram, por isso que tem que sempre cuidar dos nossos velhos. Já é uma coisa que eu acho legal. E... eles são diferentes dos brasileiros, né. Porque a gente tem a... mesma atitude agora mais. Mas tem muita coisa na cultura, o pensamento deles é diferente...

***Em relação a o quê?***

Em relação ao... o... o japonês ele pensa no global, ah... assim, vamos dizer, ele não é... ele acha que... na guerra por exemplo, os japoneses lutavam pelo seu imperador, né... ele era o seu motivo. Eles lutavam porque se o imperador morresse, sei lá, acabaria. Eles lutam não por si, eles lutam pela pátria... e isso reflete na família. Uma coisa que nós brasileiros somos... é... vamos dizer... agora me escapa a palavra... mas a gente não tem aquela tradição que tem o... vamos dizer, por sermos um povo talvez mais suave, né, porque lá é uma coisa de milenar, vamos dizer, uma tradição milenar. Então eles são... eu acho que é diferente o modo deles pensarem, de agirem, eles são diferentes. Eles cultuam muito esse negócio do estudo também né...

***Mais inclusive do que os brasileiros?***

Eu acho que mais do que... a maioria deles, das pessoas de todos os povos. Então você vê que o Japão cresceu muito depois da guerra que é um tempo, vamos dizer, curto, né? Ah... sei lá, 50 anos por aí, eles se tornaram uma potência porque? Porque o povo é diferente, o pensamento deles é... eles lutam pela pátria e não lutam por si.

***E em relação dessas mudanças no Japão e com os descendentes de japoneses aqui, a senhora acha que eles trouxeram isso, eles vieram isso?...***

Não porque, por exemplo, meus pais, eles vieram aqui... ah... essa guerra explodiu quando eles estavam aqui. Eles sofreram um bocado e eles nunca acreditaram que o Japão tinha perdido. Para eles, nunca que eles iam perder. E eles tem aquela coisa da raiz deles, eles acham que... eles são... é... um pouco eles se acham superiores, né.

***Devem ter esse lado do orgulho, assim?***

É, um orgulho muito grande eles tem, pela raça deles eles tem muito orgulho<sup>121</sup>.

Tem essa questão de, por exemplo,... que o brasileiro fala que quando japonês morre a gente faz festa. A questão não é fazer uma festa. Na religião budista, por exemplo, a gente faz uma missa, a gente reúne todas as pessoas que vão no velório ou no...enterramento ou sei lá o quê, ou numa missa de sétimo dia, de um ano, seja o que for, ela leva um envelope que leva dinheiro. Esse dinheiro nada mais é do que uma contribuição para a família da pessoa que morreu, ela comprar vela e flores, porque todo mundo levar flores e levar velas não... não... aí haja, né, lugar para por tanta vela e flores. Então é uma maneira de você também ajudar a família da pessoa que morreu fazendo isso, entendeu? É um costume japonês que ainda a gente... costuma praticar, né. E coisa que brasileiro acha que a gente faz festa. Não é festa. Inclusive não se oferece nenhum tipo de carne... a gente oferece comida, vamos dizer, o chá que é porque a vida continua... quem não morreu tem que continuar vivendo e para continuar vivendo ele tem que comer, né? Então esse significado não é uma festa, é simplesmente uma... uma continuação da vida. Porque a vida continua para os que ficaram, né? Então é uma tradição também que é... que os brasileiros acham estranho. É uma diferença dos costumes que a gente tem<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> entrevistada 1

<sup>121</sup> entrevistada 2

<sup>122</sup> entrevistado 15

***Será que a geração dos filhos de vocês entende esses costumes, essa forma assim de...***

Então, olhe só, muitos deles já não entendem mais isso, eles mesmos acham isso... vamos dizer... coisa retrógrada, né. Mas a gente tem procurado ensinar, continuar, mas eu acho que esses costumes não vão durar muito tempo não, porque eles também... convivem, assistem televisão, convivem com outras pessoas, então, vai mudando a cabeça das pessoas, dos jovens também. Então eu acho que esses costumes todos não vão durar muito.

***E será que isso é bom ou ruim?***

Não sei se vai ser bom ou se vai ser ruim. Eu acho que é uma coisa natural da vida. Eu encaro dessa maneira, porque...na.... é da minha geração, nós que somos da nossa geração fomos criados com isso, não tinha que saber, tinha que fazer aquilo e tal, né. Mas é uma coisa que nem lá no Japão, hoje, está sendo praticado. Isso eu digo porque eu tenho uma irmã que mora lá, ela quando vem pra cá, ela costuma vir muito pra cá, ela fala que já nem lá não se usa mais esses tipos de... esses costumes. Então se lá já não se usa, você imagina a nossa, a terceira... a quarta geração de descendentes de japonês também vão acabar com isso. Mas por enquanto ainda tem muito descendente de japonês, como nós que somos nisseis que ainda tem esse costume, né. Mas isso tende a acabar também. Inclusive porque... nós fizemos escola japonesa e tal e tivemos esse ensinamento tanto em casa quanto na escola.<sup>123</sup>

Eu tive colega descendente de italiano, sério. Então, eu acho que essas famílias eram mais ou menos exigentes como nós. Acho que a postura era a mesma.

***Eles estudavam tanto quanto...***

Ah, pelo menos os colegas que tivemos, eles estudavam. Basta dizer que muitos deles nem fizeram cursinho, passaram direto no vestibular. Eu fiquei para trás porque tive que parar dois anos para trabalhar, então...

***E o senhor era mais apegado às tradições da sua cultura do que eles?***

Eu acho que não, viu, porque os italianos, por exemplo, também eram patriarcais, o 'velhão' ali na ponta da mesa e tal.

***As famílias japonesas não eram mais tradicionais, era mais ou menos igual?***

Ah, entre japoneses e italianos, acho que era igual. Os sírios também eram bastante rigorosos.<sup>124</sup>

• **Persistência**

Eu vejo e sinto isso, que eles acham que... os japoneses eles são bem sucedidos porque eles abraçam a coisa, eles lutam pra obter isso e faz de tudo pra ser bem aceito, inclusive, né.

***Então o senhor aceita que existe essa diferença? Por que será que tem essa diferença?***

Existe. Porque realmente, não é que a gente queira dizer, mas... nós procuramos atender dentro do que nós prometemos as coisas né. Jamais eu deixo um cliente com problemas quando eu posso resolver aquele problema, agora... a palavra deve ser procurada sempre de uma forma a ser cumprida. Se você promete que vai resolver ou você vai em tal lugar, você tem que ir e isso acontece. Não fica a bel prazer como muitos fazem. Então existe realmente um..., não é bem um elogio, mas uma palavra de... como diz... de incentivo, como eu diria, do pessoal referente ao filho de japonês porque realmente assume, vai a luta e busca, né.<sup>125</sup>

---

<sup>123</sup> entrevistada 2

<sup>124</sup> entrevistado 8

<sup>125</sup> entrevistado 7

Eu trato as pessoas que trabalham comigo como iguais, [mesmo] se é superior, [ou] subordinado. Tento passar para eles uma parte desse pensamento de dedicação ao trabalho. Porque eu falo: se você se esforça, seja na área que for, de uma forma ou de outra, esse esforço vai dar, vai trazer algum retorno para você.<sup>126</sup>

Eu acho assim, o indivíduo tem que ser persistente, nunca desanimar, sempre buscar atingir a meta que ele programou. Eu chegaria a dizer que os orientais são, vamos dizer assim, mais teimosos, não desistem à toa.<sup>127</sup>

- **Valorização do trabalho**

Eu vou falar do meu caso... Eu estudei, sou professor, sou aula e faço pesquisa. Não tenho preguiça e lá, mesmo dentro da universidade, eu sou taxado como "quebra-galho". Porque eu conserto equipamento estragado, não tenho medo de fuçar. Eu gosto de mexer, arrumar as coisas, e não só ficar nas minhas obrigações didáticas.<sup>128</sup>

***E se caso um dos filhos resolvesse largar os estudos e se dedicar a uma outra atividade, o senhor acha que haveria muita resistência por parte dos seus pais?***

Acho que, no início, talvez, mas depois... eu acho que não. Aliás, era o seguinte: depois de trabalhar na roça e ter um sítio, o meu pai abriu uma mercearia na cidade. E ele dizia: caso um filho resolvesse parar de estudar, ele, então, que viesse ajudar na mercearia, que assumisse o negócio.

***Mas ele não colocava isso em termos de ameaça, né? Assim...***

Não, não. Acho que era assim: se não quer estudar, tudo bem, mas pelo menos, que vá fazer alguma coisa, alguma coisa produtiva na vida.<sup>129</sup>

Na minha família, ninguém nunca teve qualquer... vergonha de pegar no pesado, pegar numa enxada... Não que os outros fossem preguiçosos... mas eu acho que o japonês, mesmo aquele humilde, que faz um serviço mais simples, no braço, ele parece ter mais orgulho do que faz.

***E se o senhor tivesse que voltar a fazer isso?***

Não teria problema algum. Na medida do possível, e a barriga deixando, eu até gostaria de voltar a fazer isso. E nem necessariamente trabalhar na terra, que é uma coisa que eu também gosto. Eu gostaria também de fazer algum trabalho de marcenaria, que é uma das minha grandes paixões. Pegar na madeira, fazer uma mesa, cadeiras. Acho que um trabalho assim é muito gratificante.<sup>130</sup>

***E se o senhor tivesse que voltar a exercer algum trabalho manual, não teria nenhum problema?***

Ah, não teria nenhum problema. Inclusive, eu sempre penso que, se um dia aposentar, gostaria de trabalhar com terra. Montar alguma cultura... Nossa, acho que a pessoa deve fazer isso.<sup>131</sup>

---

<sup>126</sup> entrevistado 12

<sup>127</sup> entrevistado 8

<sup>128</sup> entrevistado 8

<sup>129</sup> entrevistado 12

<sup>130</sup> entrevistado 12

<sup>131</sup> entrevistado 8

- Dekassegui

[pausa] você [a entrevistada quis dizer "ela", "uma pessoa japonesa"] termina o seu serviço, mas eu não terminei ainda, mas ela [uma pessoa japonesa] não vem me ajudar para depois... eu [colocando-se no lugar de uma outra japonesa] também não quero que ela venha me ajudar para depois não ficar devendo favor pra ela. Por isso que japonês lá não ajuda o outro japonês. O brasileiro [dekassegui] não, quando termina já vai inventar de ajudar o outro para todo mundo acabar junto, né. O japonês não, eles tem essa mania de não dever favor pro outro

***Você acha que é orgulho só ou não?***

Pelo menos é o que o japonês anda falando, né.

***Eles falam que é por orgulho ou é o jeito de trabalhar que é diferente?***

Não, não é. Isso aí é o que eu mais converso com os japoneses lá onde eu trabalho.

***Que é que eles falam?***

É isso aí, ué. Diz que eles não gostam de pegar ajuda dos outros para não dever favor.

***Mas e quando o brasileiro vai ajudar? Eles sabem que brasileiro é diferente? Daí eles aceitam?***

Sabem.

***Mas eles não gostam disso aí?***

Não. Eles aceitam que o brasileiro ajude. Eles... olha, se tem mulher que pega no pesado, brasileiro vai lá e ajuda, né. Eles sabem então que... mesmo...

***...Que não fica devendo favor pros brasileiros daí...***

É... não, o brasileiro faz mesmo de favor, ele faz pra ajudar mesmo não esperando nada em troca.

***Mas os japoneses sabem disso?***

Acho que sabem. Faz pra ajudar, mas...

***...Mas não sentem na obrigação mesmo assim?***

Acho que não... É difícil, se puderem eles ficam aproveitando na sua cara, né [risos]. Tá trabalhando mas não trabalha tanto. Se for pedir para ajudar tem que chamar eles. Um ou outro vem ajudar, mas senão você tem que falar: "vem aqui, ó. Tá pesado!" - tem que chamar: "Pega isso aqui!" - eu mando neles, sabe? "Guarda isso aqui, guarda isso aqui" - agora quando eles estão fazendo outras coisas eu mesmo guardo, né. As vezes ficar pedindo demora mais aí eu vou lá de uma vez e guardo. Mas que eles são mesmo folgados eles são.

***Não sabia disso.***

Japonês, a maioria deles, conversa com os japoneses e é assim. Por isso os brasileiros que vão lá trabalhar, quando chega sábado, feriado, só os brasileiros ficam na extra, porque os japoneses não trabalham.<sup>132</sup>

***Mas e os brasileiros lá? Eles se ajudam também?***

Depende do lugar

***Mas ajuda de que jeito? Com dinheiro?***

Com dinheiro já não é todo mundo não.

***Mas é com o que então?***

Se precisar: "olha, vamos lá junto" - eles ajudam assim - "vamos lá junto na prefeitura" - que as vezes não entendem ou alguma coisa assim, né. Isso sim. Agora, na parte de dinheiro... pode ser que acontece. Eu empresto às vezes dinheiro para a colegas, agora nem tanto. Mas eu já cheguei a emprestar dinheiro para uma delas.

***E aí? Como é que ela faz depois?***

Logo depois do pagamento ela me devolve, mas sem juros. Mesmo cartão de telefone: "Oi, você tem cartão de telefone?" - eu falei: "eu tenho". Já emprestei cartão. Depois ela vai lá e compra, ou muitas vezes eu vou de... porque ela dá o dinheiro, aí eu vou de bicicleta, eu mesmo vou comprar, né. Ou então assim: "olha, eu vou no correio. Você não tem nada pra lá?" "Eu vou pagar o hokken. Você quer que eu pague junto?" - Mas não é entre todo mundo não.

***E na hora que volta? O pessoal fala assim que na hora que voltar, pensa em abrir coisa com gente que esteve lá, junto?***

Não sei...

***Ou é mais assim: "Ah, tem gente já esperando para fazer algo junto"?***

Mas é gente de um monte de cidade diferente, né. Então não dá pra: "Vamos abrir um negócio juntos." Isso não dá. Porque vem gente de tudo quanto é lugar, né, e depois cada um, as vezes, tem uma idéia diferente. Agora, pode chegar lá [no Japão] e abrir alguma coisa junto, por exemplo, "vamos abrir uma lanchonete ou qualquer coisa" - porque é brasileiro com brasileiro...

***Mas já tem bastante gente fazendo isso?***

Não sei. Isso aí é mais pro lado de Ozumi, né. Agora, não sei como é que...em outros lugares.<sup>133</sup>

***E no final, a maioria dos brasileiros que foram lá é por problema financeiro ou por algum problema social?***

Muitos são por problemas financeiros, né. Ficou com dívida aqui, dívida ali, vai pra lá. Tem alguns que é problema de relacionamento, não casam ou alguma coisa e vai pra lá

***Mas o que é que tem mais lá?***

Muitos porque não querem mais saber de estudar, então vão pra lá.

***E entre os jovens? Os jovens que vão para lá é só por isso ou não?***

É, as vezes não quer estudar, as vezes quer ir lá para ganhar dinheiro ou alguma coisa. Às vezes vão porque tem alguma dívida ou não sei o que, então pra deixar a criançada pra cá, os pais chamam para ir para lá também, né.

***E essa criançada que vai pra lá? Você já viu como é que eles ficam?***

Como é que ficam? O que eu vejo são os filhos do pessoal de onde trabalho, que tenho um contato maior, né.<sup>134</sup>

Tem uma família que foi faz tempo... foi praticamente a família inteira, né. Depois o [irmão] do meio foi com a mulher tudo, voltou e está trabalhando na Volks. Eles já foram, já voltaram, já gastaram e...

***Mas ainda fica gente pra trás, né?***

Sim. Então, até hoje tem uma moça dessa família que está lá, mas qualquer folguinha ela vai viajar... Até outro dia ela foi pra Okinawa, ficou não sei quantos dias - "ah, mas é um lugar bonito" - daí diz que os irmãos dela já estavam bravos: "É, você não está guardando dinheiro" - e não sei o quê, mas em maio tem outros feriados e diz que qualquer dia ela vai lá pra Austrália [risos]. E ela sofreu até acidente lá [no Japão]. Teve cicatrizes assim, pôs no seguro, ficou internada e tudo, só que é tal história, né, eles tem carro, vão jantar fora, essas coisas assim, né. Agora parece que ela está guardando algum trocado, mas é... ficou no segundo colegial, não terminou nem o colegial...

***Mas ela não pensa mais em voltar a estudar?***

Foi lá pra ficar dois anos, no fim ficou tres anos. Agora já acostumou tanto que nem que voltar pra cá... Tem casa inacabada do BNH, dessas casas... [pausa]

***E se o governo japonês de repente falar: "olha, não vai mais entrar tanta gente assim"?***

Como assim?

***Ninguém fala nisso?***

Já estão meio que barrando, mas como esses já estão a tanto tempo vai-e-volta, vai-e-volta, já tem mais crédito. Agora, quem não tem crédito... porque a gente tem uma identidade japonesa, né... então, ali, marca se o cara muda muito de serviço... ela é tipo de uma carteira de trabalho. Então... esse irmão da minha ex-colega mesmo, de 30

---

<sup>132</sup> entrevistada 13

<sup>133</sup> entrevistada 13

<sup>134</sup> entrevistada 13

anos, mudou tanto que já tem firma que olha lá e já não pega o cara para trabalhar... porque é daqueles que não para muito no serviço. Agora, ali também faz barreira por causa desse negócio de idade, né.<sup>135</sup>

***Ashitapa? Que é isso?***

É aquele que chegou primeiro, que é o mais velho, eu estava a três anos trabalhando no mesmo lugar, né. Tinha um japonês, por exemplo, estava dois anos. Então se for ver, eu estou... eu mando mais do que o ele...

***Pelo tempo de serviço...***

Pelo tempo de casa. Agora, os que vem chegando, chegando, pode ser... faz de conta... aquele de 19 chegou em abril. Chegou outro de 24, mas chegou depois dele, então esse de 24 tem que obedecer esse de 19. É a nível de "ashitapa" né que eles falam, o nível inferior... então quem chegou por último é sempre o inferior e tem que sempre obedecer o de cima.<sup>136</sup>

***E se um filho seu tivesse que ir trabalhar no Japão?***

Eu acho que não teria problema. Eu poderia até não concordar, mas a decisão final seria dele. E eu daria apoio, claro.<sup>137</sup>

***E se um filho seu resolvesse ir [trabalhar como dekasegui]?***

Bom, primeiro eu ia falar para ele tentar por aqui, se esforçar um pouco mais. Mas aí, se ele quisesse ir mesmo, eu diria: vai, acredita em você, se é isso mesmo que você deseja, você tem capacidade para fazer isso.

***E o senhor?***

Eu? Ir? Não, eu estou bem por aqui.<sup>138</sup>

## **8.2. Coletânea de artigos selecionados**

Durante a nossa pesquisa levantamos artigos, reportagens e cartas do jornal "International Press", que circula no Japão e no Brasil, em português.

Uma cópia deste material encontra-se no TTEduc, na Faculdade de Educação da UNICAMP, à disposição dos pesquisadores do núcleo.

---

<sup>135</sup> entrevistada 13

<sup>136</sup> entrevistada 13

<sup>137</sup> entrevistado 9

<sup>138</sup> entrevistado 12